Ano II - Nº 13
Natal, Março/89

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia Editorial do Rio Grande do Norte

Sumário

Poema de Alex Nascimento, 3
O Galo da Torre, 4 e 5
O Complexo de Abraão/Conto de Edna Duarte, 6 e 7
Poemas de Estevão Lúcio, 8
Poemas de Carlos Humberto Dantas, 9
Conto de Paulo Augusto/Poema de Eduardo Gosson, 10 e 11
Zaíra, Artista do Imponderável, 12 e 13
Poema de Luís Carlos Guimarães, 14
Perfil da Música, 15
Sofisticadamente Maldito, 16 e 17
Poemas de Francisco Ivan, 18 e 19
No RN, Poesia é Também Substantivo Feminino, 20, 21 e 22
O Poema Monstruoso, 23
Fragmentos para um Poema Desconexo, 24 e 25
Quem Beliscou o Conformismo do Teatro no RN, 26 e 27
Decifra-me ou Te Devoro, 28
Livros e Autores, 29
O Galo Conta, 30 e 31

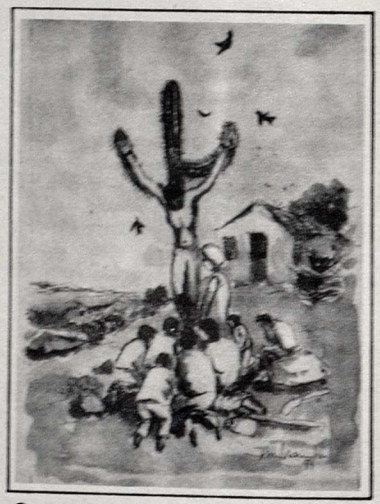
Editorial

"Não tenteis interromper o pássaro que voa em linha reta de leste a oeste. Alto e só."

Cecília Meireles

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Governador
GERALDO MELO
Presidente da Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Presidente da Cia. Editora do RN — CERN
WALTER MEDEIROS
Editora
MARIZE CASTRO
Redator
ANCHIETA FERNANDES
Diagramação, Programação Visual e Arte Final
GILBERTO ALVES
EMANOEL AMARAL
Revisão
BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO
SILVANA A. F. DE ANDRADE
Assessor para Fotografia
GODEIRO JR.
Montagem
SOCORRO SOARES
MARCOS DE LIMA



Capa: **Assis Marinho**. Pintor norte-riograndense.

Redação: Rua Jundiaí, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2936. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal. Composição: RN/ECONÔMICO

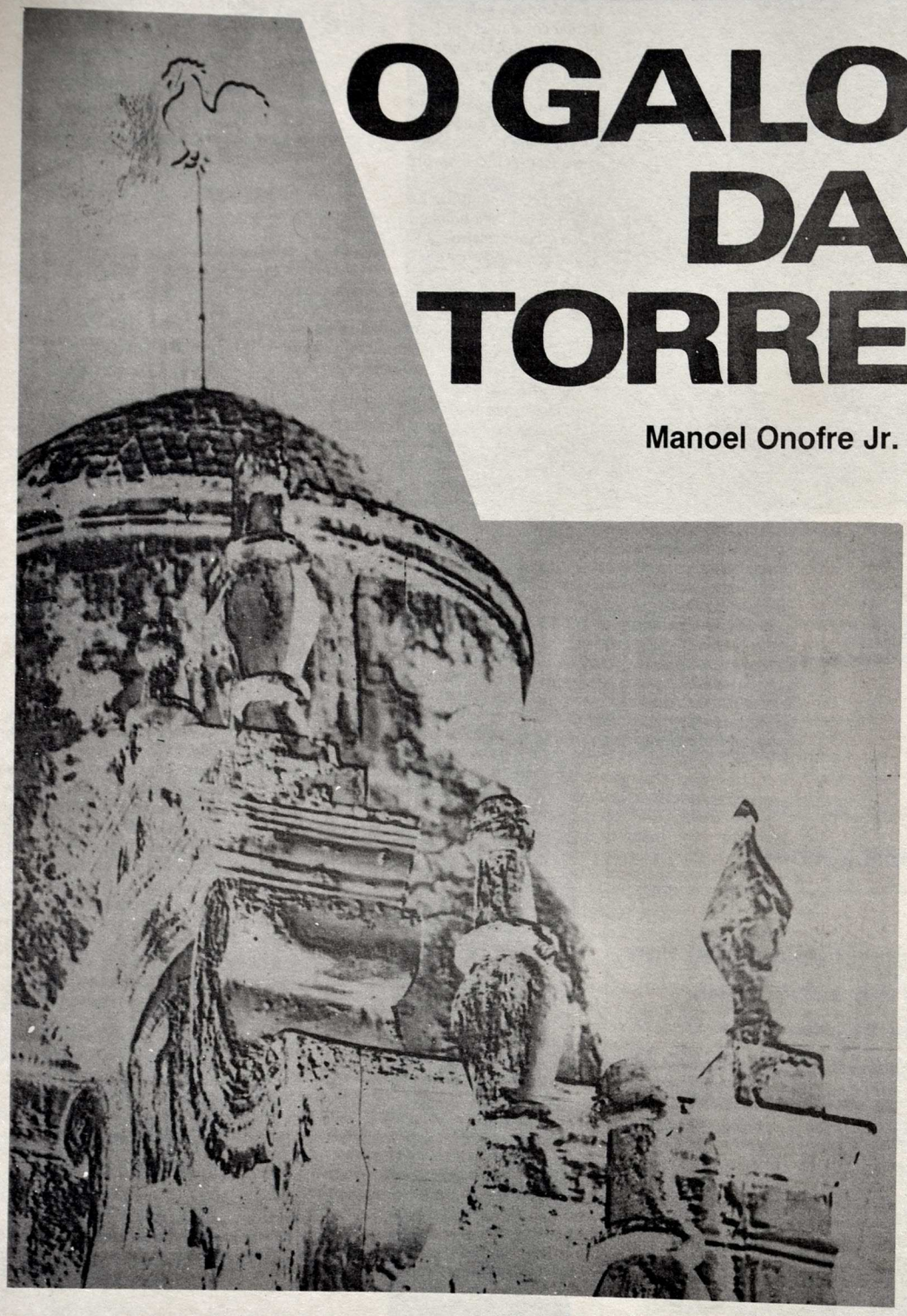
alex nascimento

Toma um gole, meu Galo, é Old Parr,
Um brinde pelo teu aniversário,
Esquece que esse mundo é tão otário
E que há frangos de indústria pelo ar.
Se maquiam na forma de cantar
Mas nem todo amarelo é um canário,
Há doutores que fedem por salário,
Uns brinquedos com asas sem voar.
Sou assim com as aves, Galo meu,
E de tantas sorri, maldade minha,
Da Phoenix-crente ao Gavião-ateu,
Condor-plebeu ou Águia-mãe-rainha,
Já vi todas no grande Coliseu
Chorando a César, por sinal, galinha.

Alex Nascimento é escritor e publicitário. Autor dos livros **Quarta-Feira Num País de Cinzas** *e* **Recomendações a Todos.**

O GALO DA TORRE

Manoel Onofre Jr.



Das coisas líricas de Natal, nenhuma mais celebrada em verso que o galo da torre da igreja de Santo Antonio. Seis poetas inspiraram-se nele, no símbolo que ele é.

Lourival Açucena — nosso primeiro bardo — fez estes versos bem humorados, em que revela a origem do galo de bronze:

Caetano da Silva Sanches,
Governador Português,
Foi quem aqui colocou-me,
Há mais de um século talvez.
(.....)
Cá do alto lobrigando
Traquinadas do demônio,
Vos mandarei telegrama
Da torre de Santo Antonio!...

Câmara Cascudo, em nota reproduzida na coletânea "Natureza e História do Rio Grande do Norte", de João Alves de Melo, esclarece:

"Esses versinhos devem ser posteriores a 4 de agosto de 1878, dia em que se inaugurou em Natal o "telégrafo elétrico".

Há uma historieta popular, segundo a qual o galo é quem anuncia o nascimento de Jesus:

— Cristo nasceeeeu!

Dentre todos os animais, é o galo, talvez, o que tem imagem mais associada ao Natal. Arauto...

Assim, já sendo um símbolo do NATAL/NATIVIDADE, nada melhor do que a sua figura para representar o emblema lírico e sentimental do NATAL / CIDADE.

Perfeita, portanto, a escolha do galinho da torre — sua silhueta heráldica, tão rica de tradição e poesia, tornada símbolo da Cidade dos Reis.

Zila Mamede viu com agudeza este sentido simbólico, quando cantou, com a costumeira contenção verbal

O GALO (DO CONVENTO SANTO ANTONIO)

A um amigo morto*

No pouso
assento
ave altiplana
o galo
atento
firme espacial.

Fundido ferro
(galo ferreiro)
sem pluma e
canto-voz-matinal.

De ser vigia
vive a ave-seta
secularmente
galo em seu posto
ave anuncia
Natal Cidade
não Natal-dia.

Há um fato curioso na crônica desse galo/símbolo. Dele nos dá notícia Nilo Pereira, em carta bem-humorada:

"Você deve saber que o galinho da torre da igreja de Santo Antonio foi lançado por terra devido a um raio, que por pouco não o fulminou. Na Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, ano XXIII, nº 11, Hélio Galvão publica uma conferência sobre Virgílio Trindade, qual vem um soneto de Virgílio, o grande humorista, sobre o fato. Eis o soneto:

Lembrou-se enfim desta Natal a gente
Que tu deves voltar, meu galo amigo,
Às alturas da torre novamente,
"Como a ave que volta ao ninho antigo".

Com tal notícia vais ficar contente
O ostracismo é um fatigante abrigo.
E assim verás Natal bem diferente
Desde a Ribeira à ponte sem perigo.

Penso que os galos todos, entretanto,
Não trocariam teu zimbório santo
Pelo livre terreiro das vizinhas

Pois vou jurar que nenhum deles quer
Ficar como tu ficas, Chantecler:
"Perto dos raios, longe das gali-

Na mesma carta Mestre Nilo enviou-nos cópia de um poema de sua autoria, em que surge com singeleza

O GALO DA IGREJA DE SANTO ANTONIO

Todos cantam esse galinho
Também eu venho cantar.
Lá está ele, empoleirado.
No seu canto estrangulado.
Venho sempre para vê-lo
E ouvi-lo em pobre canto.
Muito prazer em conhecê-lo,
Bem de perto é um encanto.
Por que ele está assim,
Sempre preso, sempre mudo?
Tão pálido, feito um jasmim,
Tão calado e carrancudo?
Só ele sabe o mistério
De sua cidade natal.
Canta pra dentro em saltério,
A garganta é de cristal.
Amores não tem o galinho
Da torre de fé barroca
É tão casto o pobrezinho
Que até a voz ficou rouca.
Na igreja de Santo Antonio
O galinho proustiano
Vai cumprindo o seu fadário
Em estilo gregoriano
Conversando com o vento
Vai cantando a sua vida.
É monge de um convento
Numa longa oração perdida
Parece sempre dormindo
E ninguém mais acordado.
Vela a cidade, sorrindo,
Esse menestrel alado.
Sonoro, metálico, divino,
Virgem de todo o mal,
Cantando como um menino
Sua cidade — NATAL.
(Recife, 8 de abril de 1981)

Em seu livro "Romance da Cidade do Natal", Nei Leandro de Castro toma o galo como ponto de referência. É através do galo que vai apresentando os bairros, o Potengí, o Forte, as coisas mais da cidade.

Vejamos o

CAPÍTULO UM

"O galo da torre: ponto de referência. Um rio sem história. O Forte dos Reis Magos: história e lenda.

Um holandês soprou um apito de prata e saiu de baixo do solo uma multidão de negrinhos com carapuças vermelhas como um bando de sacis pererês. Começaram o trabalho ali em cima do arrecife, e, no amanhecer o Forte estava como está hoje, acabado e completo, todo de pedra.

Luís da Câmara Cascudo

A centroeste, de cima
da torre conventual
com túnica pára-raios,
o galo espreita Natal.

O vento da madrugada
sabe a leste — duna e mar —
e quando atinge o galo
não o corta: é cortado.

É raro. Mas quando o vento
sopra forte, noite a fora,
pela cidade dormindo,
o galo da torre (embora

de tão estático, heráldico)
volta o perfil para o rio
que sobre o leito faz curvas
como serpentes no cio.

O galo o vê no nascente,
apesar de que, dali,
o homem mesmo com lentes
não o veja. O Potengí

percorre sua jusante
sem história a contar.
Filme virgem, sem legendas,
só se revela no mar.

Então o galo o que vê:
no encontro das duas águas,
o Forte dos Reis Magos
erguido como uma fraga.

Embora a história ensine
que foi feito por cristãos
(personagens dos Lusíadas)
o povo, em torno, diz não.

Pois crê mais na sua lenda:
ao apito de um holandês,
uma multidão de negrinhos
como sacis pererês

— com carapuças vermelhas —
surgiu dentre a penedia
e construiu o forte em pedra
como está hoje, num dia.

CAPÍTULO DOIS

O bairro das Rocas. Paisagens. O galo da torre: parêntesis.

O povo das Rocas é visto
pelo galo, ao amanhecer.
A manhã ali se põe
de pé antes de querer

Por outra, ali a manhã
não mais serve ao seu fim:
em vez de acordar, acorda-a
o Mestre Valentím.

No Cais do Canto do Mangue
é água mansa de rio,
apenas arrepiada
por uma onda de frio:

a pele cortada pela
lâmina corrente de ar
que sobre o dorso das águas
desce da noite do mar

Dali os veleiros partem
todos a uma só hora
e transpõem a barra antes
que a transponha a aurora.

As mulheres que ficam não
esperam pelo seu homem.
Tudo é tão rotineiro
Como sua antiga fome

Ou como o feto anual
que lhes intumesce o ventre
ou, ainda, como a morte
de um tísico, seu parente.

Meninos sujos, sem cor
definida, fazem festa
nas poças frias de lama
da Rua da Floresta.

(o galo da torre, olhando,
humanamente tece
um canto rubro de amor
às crianças. Mas permanece

— porque feito de metáfora —
silente, na altaneira
torre cinza de azulejos.
E depois olha a Ribeira.)

Seguem-se oito belos capítulos poéticos. No último capítulo "O galo completa o seu giro. O bairro da Cidade Alta. O Grande Ponto. Maria Boa, uma instituição".

— o —

A capa do "Romance da Cidade de Natal" — autor: Lúcio Weick — estampa o nosso amigo galinho num belo desenho.

Mas, não fica aí a motivação plástica. Artistas natalenses — Dorian Gray, Carlos José, entre outros — têm-no fixado em traço ou a óleo.

Na arte popular norte-rio-grandense, a figura do galo — e não especificamente o galo heráldico, de que estamos tratando — é uma constante na obra de Maria do Santíssimo e na cerâmica proveniente de São Gonçalo do Amarante: — espécie de vaso, feito de barro branco e decorado com motivos florais em verde e encarnado (por sinal, uma das coisas mais típicas, e também símbolo da cidade nos prospectos de turismo).

Luís Carlos Guimarães sentiu, especialmente, a dramática solidão do galo de bronze. É o que expressa muito bem, neste poema:

O GALO DA TORRE
(IGREJA DE SANTO ANTONIO)

Entre o chão e o vôo
por dia e noite, o galo,
empoleirado na torre, só.
Galo sem terreiro, cúmplice
da solição circundante
dos telhados. Galo fixo,
fundas raízes na torre,
quando na terra o
exato ofício do canto
propiciaria, dono das
fontes da vida; ou morto,
posto à mesa, encerraria o familiar domingo,
alimento em bocas ávidas.

No horizonte da cidade,
incrustado na paisagem,
o galo. Como resiste
assim imóvel e vertical
na vizinhança do azul,
entre núvens, brisas e aves
(celestes e itinerantes),
com o canto estrangulado
na garganta de metal?

— o —

A IGREJA DO GALO

"No caminho pelo qual os primeiros moradores iam ao rio Tissuru (atual riacho do Baldo) apanhar água, levantaram-se casinhas humildes, que, aos poucos, foram formando uma das primeira ruas: a de Santo Antonio atual.

Em 1766, construiu-se nessa rua uma igreja, a mais bonita de Natal. Com uma torre só, o frontão enfeitado de altos-relevos caprichosos e tochas, a igreja impressionava, como mais ainda impressiona, hoje, tocada pela pátina do tempo. No topo azulejado da torre, mora o galo, símbolo da cidade."
(Excerto do "Breviário da Cidade do Natal", de Manoel Onofre Jr.)

— o —

* Certo dia, mostrei a Zila Mamede os originais desta mini-coletânea, pedindo-lhe um autógrafo. Ela não se fez de rogada, e, ainda, escreveu de próprio punho o que transcrevo a seguir:

"Monoel Onofre: este poema é dedicado a Djalma Maranhão, mas quando foi publicado a primeira vez, no jornal, tiraram o nome de Djalma. Não deixei que publicassem. Pelo menos fica isso aqui registrado, para a história. E nos livros, não incluí mais o nome dele, para não ser retirado novamente. Esta história é meio trágica, não é? Assim, você fica sabendo. Não é possível que na próxima edição o nome de Djalma não apareça.

Natal, 20 de junho de 1983.
Zila Mamede."

Manoel Onofre Jr. é escritor.

O COMPLEXO DE ABRAÃO

Leopoldo Nelson

Na literatura psiquiátrica fala-se em complexo de Édipo e outras construções mentais reativas, presentes ou não, no inconsciente coletivo da humanidade. Tais construções — elaboradas a partir do pensamento de Freud e Jung — explicariam determinadas formas de conduta diante de situações extremas, vivenciadas pelos diversos componentes de uma relação familiar ou socialmente determinada. Lendo Kierkegaard (Temor e Tremor), percebemos um núcleo fundamental que poderia explicar, provavelmente, uma formação reativa pouco explorada. Transcrevemos, a seguir, parte deste magnífico texto.

.....

Era uma vez um homem que tinha ouvido, na sua infância, a formosa história de Abraão, que, posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perder a fé, recebia, contra toda a expectativa, o seu filho pela segunda vez. Na maturidade, releu a narrativa e desta vez com acrescida admiração, porque a vida havia separado aquilo que a infância, com piedosa simplicidade, unira. À medida que ia envelhecendo, o pensamento retomava mais por miúdo a história e com redobrada paixão; todavia compreendia-a cada vez menos. Acabou por esquecer tudo o mais fixando na alma um só desejo: ver Abraão; e um só pesar: o não ter sido testemunha do acontecimento. Não aspirava a contemplar os belos países do Oriente, nem as maravilhas da terra prometida, nem o piedoso par cuja velhice fora bendita por Deus, nem a figura venerável do patriarca farto de dias, nem a exuberante juventude de Isaac, oferecido, como um presente, pelo Eterno: o mesmo pudera suceder em qualquer estéril páramo; não via aí qualquer objeção. Quisera ter participado na viagem dos três dias quando Abraão, montado no seu burro, seguia com a tristeza em frente e Isaac ao lado. Quisera estar presente no instante em que Abraão, ao erguer os olhos, viu ao longe a montanha de Morija, no instante em que despediu os burros e trepou a encosta, sozinho com o filho — porque estava preocupado, não por engenhosos artifícios da imaginação mas pelos temores do pensamento.

Este homem não era, aliás, um pensador. Não sentia o mínimo desejo de ir além da sua fé. Parecia-lhe ser destino mais belo a posteridade vir a chamar-lhe o pai da fé, e considerava-se digno de inveja possuí-la, ainda quando ninguém de tal suspeitasse.

Este homem não era um sábio exegeta pois nem sequer conhecia o hebreu. Se o tivesse podido ler, então teria, sem dúvida, compreendido facilmente a história de Abraão.

Gilberto Alves

I

E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Morija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, albardou os burros, deixou a sua casa com Isaac, enquanto da janela Sara os via descer pelo vale até se perderem de vista. Caminharam em silêncio durante três dias. Na manhã do quarto dia, Abraão continuou sem dizer palavra, mas, erguendo o olhar, viu ao longe os montes de Morija. Despediu então os servidores e, tomando Isaac pela mão, subiu a montanha. E Abraão dizia para si: **Não posso mais ocultar-lhe aonde conduz este andar**. Deteve-se, pousou a mão sobre a cabeça do filho para o abençoar e Isaac inclinou-se para receber a bênção. O rosto de Abraão era de um bom pai: o olhar doce e a voz exortavam. Mas Isaac não podia compreendê-lo; a sua alma não lograva elevar-se tão alto; abraçou os joelhos de Abraão, rojou-se-lhe aos pés, pediu-lhe piedade, implorou pela sua juventude e pelas mais doces esperanças, falou das alegrias da casa paterna, evocou a tristeza e a solidão. Então Abraão levantou-o, pegou-lhe na mão e caminhou, sua voz exortava e consolava. Mas Isaac não podia compreendê-lo. Abraão subiu a montanha de Morija; Isaac não o compreendia. Foi então que, tendo-se afastado um pouco do filho; Isaac lhe tornou a ver o rosto, desta vez alterado, o olhar feroz, as feições aterradoras. Agarrou Isaac pelo peito, deitou-o por terra e disse-lhe: **Estúpido! Supõe que sou teu pai? Sou um idólatra! Crês que obedeço às ordens de Deus? Faço o que me apetece!** Então Isaac fremente e com grande angústia, gritou: **Deus do Céu? Tem piedade de mim! Deus de Abraão, tem piedade de mim, sê meu pai, porque já não tenho outro na Terra!** Mas Abraão ciciava: **Deus do Céu, dou-te graças. Vale mais que me julgue um monstro do que perca a fé em ti.**

— Quando chega o tempo do desmame, a mãe enegrece o seio, porque manter o seu atrativo será prejudicial ao filho que o deve abandonar. Assim ele acredita que a mãe mudou, embora o coração dela continue firme e o olhar conserve a mesma ternura e amor. Feliz aquele que não tenha de recorrer a meios ainda mais terríveis para desmamar o seu filho!

II

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, abraçou Sara, companheira da sua velhice, e Sara deu um beijo a Isaac, que a havia preservado do escárnio e era seu orgulho e esperança para toda a posteridade. Caminharam em silêncio. Abraão conservou o olhar obstinadamente fixo no solo até o quarto dia. Só então levantou os olhos e vendo no horizonte a montanha de Morija, baixou-os de novo. Em silêncio preparou o holocausto e ligou Isaac; em silêncio puxou da faca; então viu o carneiro que Deus provera. Sacrificou-o e regressou... A partir desse dia Abraão envelheceu; não pôde esquecer aquilo que Deus lhe exigira. Isaac foi crescendo, mas os olhos de Abraão haviam perdido o brilho; nunca mais tornou a ver alegria.

— Quando o menino, já crescido, tem de ser desmamado, a mãe, pudicamente, oculta o seio e o menino já não tem mãe. Feliz o filho que não perdeu a mãe de outro modo.

III

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, deu um beijo a Sara, e Sara deu um beijo a Isaac, suas delícias, sua eterna alegria. E, Abraão, montado no burro, seguiu pensativo. Meditava em Agar e no filho que abandonara no deserto. Subiu a montanha de Morija e puxou a faca.

A tarde estava tranqüila quando Abraão se achou sozinho em Morija. Rojou-se na terra e pediu perdão a Deus pelo seu pecado, perdão por ter querido sacrificar Isaac, perdão por ter esquecido o dever paternal para com o filho. Tomou, de novo, com mais freqüência, o solitário caminho da montanha, mas não encontrou repouso. Não podia conceber que pecara por ter querido sacrificar o seu mais precioso bem, por quem teria oferecido a vida mais de uma vez; e, se pecara, se nunca amara Isaac a tal ponto, não podia compreender como merecer o perdão de Deus — haverá, com efeito, mais horrível pecado do que o seu?

— Quando chega o tempo do desmame, a mãe fica triste pensando que ela e o filho se irão separar; que o menino, a princípio sob o seu coração e depois embalado no seio, nunca mais se encontrará tão perto dela. E juntos sofrerão esta curta pena. Feliz aquele que conservou o filho tão perto do seu coração e não teve outro motivo de desgosto!

IV

Era de manhãzinha. Tudo estava pronto para a partida em casa de Abraão. Despediu-se de Sara, e Eliezer, o fiel servidor, seguiu-o pelo atalho até o momento em que Abraão lhe ordenou o regresso. Depois, em completa concordância, Abraão e Isaac caminharam juntos até a montanha de Morija. Cheio de paz e doçura, Abraão fez os preparativos do sacrifício, mas, quando se voltou para puxar da faca, viu Isaac que a mão do pai se crispava de desespero, que um arrepio lhe sacudia o corpo e, contudo, Abraão puxou da faca...

Regressaram então a casa. Sara precipitou-se ao encontro de ambos. Isaac, porém, já não tinha fé. Nunca de tal coisa se falou no mundo, nem Isaac disse a alguém aquilo que presenciara, nem Abraão suspeitou de que alguém o vira.

— Quando chega o tempo do desmame, recorre a mãe a alimentação mais forte para evitar a morte do filho. Feliz aquele que dispõe de alimento forte!

Assim, e também de outros distintos modos, refletia sobre este acontecimento o homem de quem falamos. De cada vez que regressava da montanha de Morija a casa, consumia-se de debilidade, juntava as mãos e exclamava: **Então não há ninguém com a estatura de Abraão, ninguém capaz de o compreender?**

O Drama fundamental de Abraão é aquele do desligamento da relação com Isaac. Seria uma formação psicológica complementar àquela de Édipo. Seguindo a sua fé, Abraão sofre a morte de Isaac dentro de si mesmo; o perde, para que ele siga o seu destino por conta própria. Sofre Abraão, entretanto, perdendo também a sua alegria quando chega a hora do desligamento — sua felicidade converte-se em apreensão.

Leopoldo Nelson *é escritor, pintor e médico psiquiatra.*

MARINA

Edna Duarte

Ela veio de um mar, para outro mar. De verdes e sobranceiras colinas, para rochedos e areias, aprender a vida. Em lágrimas, antes. Se subsistem, hoje, é pela dureza do destino — nunca, de amargores. (Soltou-se.)

Foi estátua de sal, quando vendida. Então, no seu secreto de pedra, imolava-se. Ruía.

Um vento forte arrebatou-a às antigas águas. Seus cabelos de sargaços e sereia arrastaram-na em novas correntes — onde desabrochou. (Menina e mãe, simbiôntica metamorfose que esse mundo viu. Por puro amor.)

A plenitude esvaiu-se-lhe, porque Plutão cobra alto preço. Sonhou com borboletas, leve adejar; mas permaneceu abelha e operária, oculto o ferrão do seu ser aracnídeo.

Os olhos retêm mistérios insondáveis...

É cedo, é tarde?

Edna Duarte *é escritora. Autora dos livros: "Sete Degraus do Absurdo", "Serpentário" e "Calungagem de Papel".*

Estevão Lúcio

Tadeu J. Cruz

SINFONIA DO COTIDIANO

Que canto é esse que choro
que pranto é esse que canto?

Pior seria ter calada a voz
não cantar nem chorar
omitir os ruídos do mundo.

Que choro é esse que canto
que canto é esse
que transformo em pranto?

Alegro-me
sãos sons da vida.

REGISTRO DO DIA TREZE

Pratos postos
à mesa
plástico amarelo.
Suja lembrança
em pratos
sujos.

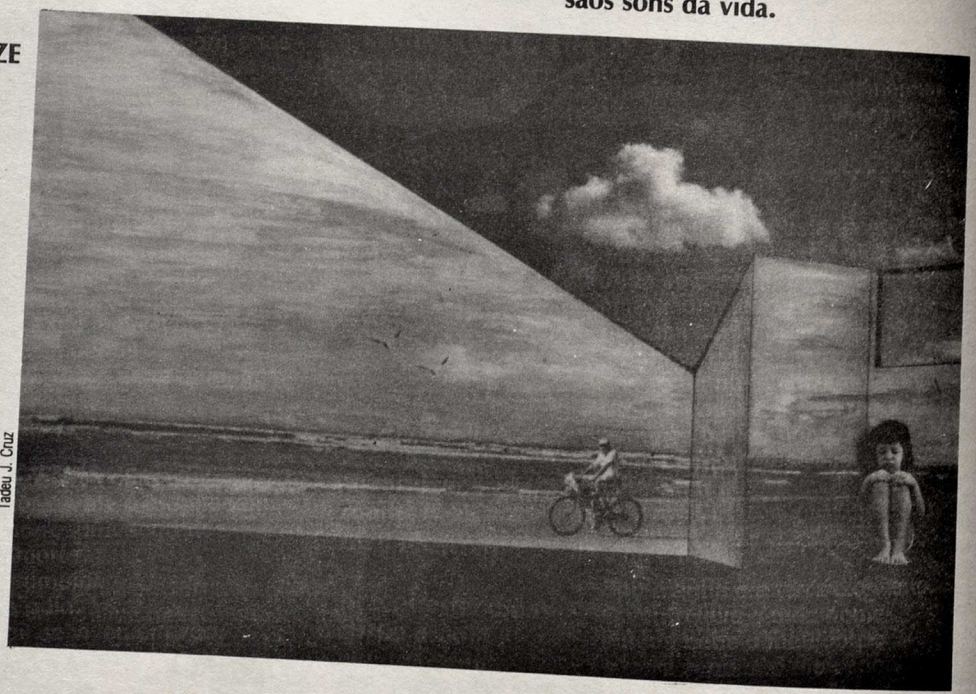
Calado olhar
insuficiente
dizia de amor.

Posto à cama
o meu corpo
meus dedos
minha boca
meu cheiro.

Braços estendidos
corpo inútil
mente inerte.

Eu,
besta!

Acabada a festa
resta ainda
a vida.



Tadeu J. Cruz

REGISTRO DO DIA DEZ

Teus braços
estendidos
me convidam à normalidade.

Doida realidade tua,
não me interessa.

No entanto
eu te amo.

PASSAGEIRO

EU
PELAS RUAS
VIDAS
E
AVENIDAS
ESTOU
EM
TRÂNSITO

DUNA DO LUXO

De fome
não morre
quem procura
no lixo
os restos
jogados
do luxo

Estevão Lúcio é poeta e arquiteto.

Carlos Humberto Dantas

As palavras entre si com seus sentidos somam(se)
As palavras entre si com seus sentidos medem(se)
As palavras entre si com seus sentidos tocam(se)
As palavras entre si com seus sentidos mexem(se)
As palavras entre si são todas entre si
(arrumadas)
Palavra puxa palavra
As palavras entre si são todas como se. ou como entre. (comumente)
As palavras entre si dialogam
uma e outra
no contraponto do papel/relógio
no tempo do jornal ou livro

a

O sentido corrente da palavra. Na palavra corrente do sentido.
O sentido coerente da palavra. Na coerência interna do sentido.
O sentido corrido da palavra. Na pressa da palavra e do sentido.

b

A carência da palavra no ferreiro. Na carência do ferreiro no trabalho.
A (des)extrutura da palavra no ferreiro. Na palavra do ferreiro na extrutura.
A palavra (de)limitada no ferreiro. No limite do ferreiro e do seu ferro.

c

A cartilagem do ferreiro no ofício. No ofício da cartilagem do ferro.
A variedade da cartilha do ferreiro. Na cartilha variada do ferro.
A modelagem cotidiana do ferreiro. No molde cotidiano do ferro.

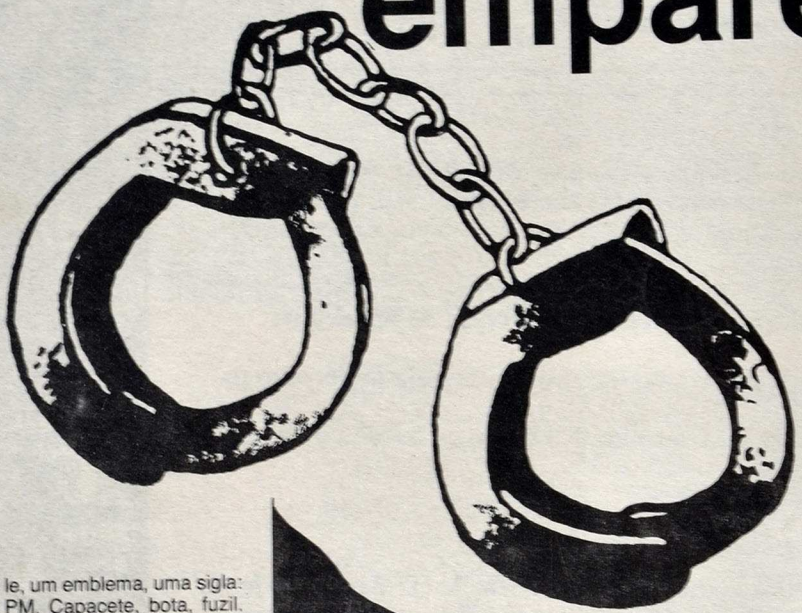
d

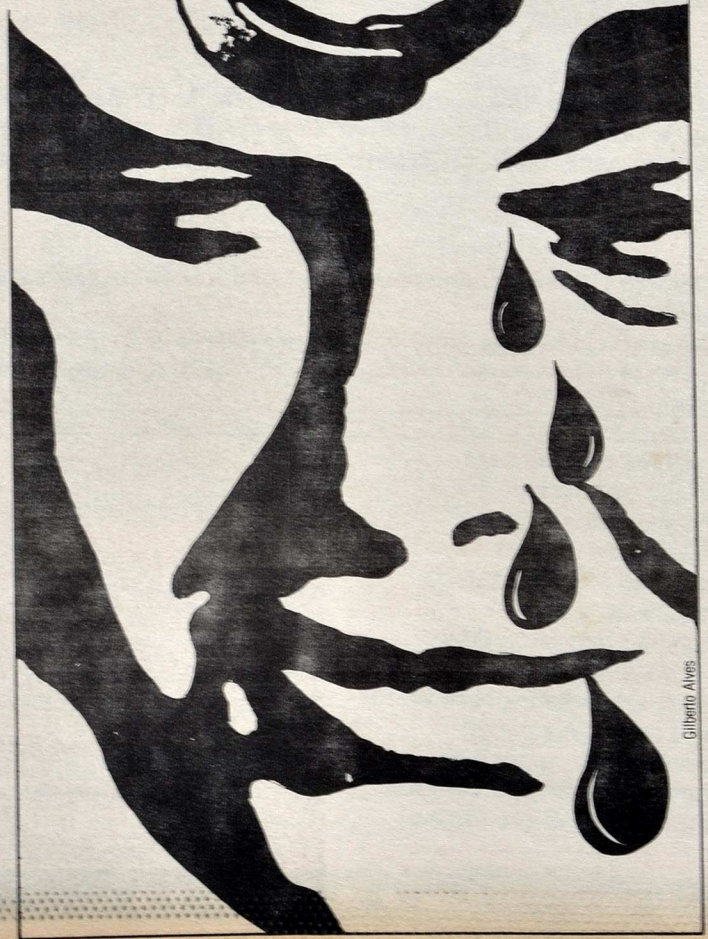
A palavra combinada no sentido. Na combinação da palavra e do sentido.
A palavra regulada no sentido. Na regulagem da palavra e do sentido.
A palavra depurada no sentido. Na amoldagem da palavra e do sentido.

O poema não me pega
no laço por acaso
Ele sabe o que faz
(quando me liberta)
como seu jogo de fantasia
(simétrica)
O poema não me redime
(das dores de ontem)
nem (pre)enche espaços vazios
(nem massageia o ego)
mais que isso (o poema)
é uma espera(nça) a cumprir
(verde que te quero nuvem)

Carlos Humberto Dantas
é poeta e artista plástico.

Quando o amor empareda seu nome





Gilberto Alves

Paulo Augusto

Ele, um emblema, uma sigla: PM. Capacete, bota, fuzil. Uma ordem no cérebro, um porrete na mão, sobre o trilho da rota, no seu trem-fantasma, na caça aos negros, putas, bandidos, bichas, pedintes, drogados, papudinhos, migrantes, menores, operários, extraviados — os delinqüentes, todos — os desempregados. Eu, um desses seus alvos, razão de sua existência, preso nos bares e becos, ao sabor do último tapa, do último trago — da última trepada. Desandando nos cantos escuros, o sorriso aflorando na pele, a vontade eriçando os pêlos — gozando.

O nosso horizonte: as clareiras da selva metálica, entre as caixas de cimento armado, de portas de vidro, onde farrapos humanos se trocam, se pedem, se vendem, se alugam, se matam, se dão.

De repente, a cena primeira: ele de arma na mão, sequioso para alvejar a quem ouse desobedecer ou duvidar das ORDENS para garantia do PROGRESSO. Mero transeunte, existo para seus tiros e murros. Vejo, de súbito, em meus bolsos, uma boa carinha de fumo — artigo dos mais caros e difíceis neste Natal. E, meu Deus, o flagrante! E eis-me de trambolhada, um marisco qualquer, um molusco sensual, na "Operação Arrastão".

Nós dois, filhos do campo, no caleidoscópio nervoso do beco mais obsceno e torpe dessa banda da cidade — o Beco da Lama. O local do "crime", a taberna mais enlouquecida e enxameada: o Bar da Odete. Nós dois, um caso de amor, que surge de maneira estúpida, desde aquela noite da blitz, quando seus olhos de azougue, imensos e atarantados, chocaram-se de encontro aos meus, para nunca mais desprega-se. De nada valeram os reclamos do Dr. Chiquinho, os protestos da turba que comigo bebia nem as invocações dos babalorixás que impesteiam o beco. O jogo de cartas parou: meu destino, a partir daquele instante, estaria escrito nas estrelas.

Pergunta-me, agora, nas horas em que pode estar ao meu lado, entorpecido por droga ou cansaço, o por que desse gozo novo, desse prazer que ele diz "estranho", desse gozo "insólito" — "inédito", "irresistível" — ele diz: "implacável".

Preso no cárcere que ele reservou somente para mim, sua interrogação favorita, tento, reluto, provar-lhe que, como eu, ele também andou gozando, na vida, do lado errado.

No início, ele me iludiu, com uma conversa para boi dormir, repetida sempre que chegava das fuzilarias, nas noites escuras do Japão, Mãe Luiza, Maruim, Coqueiros, do outro lado do rio Potengi, onde a classe operária procura refazer-se dos esgotamentos: que era preciso dar um basta em tudo, que a mulher lhe enchera o saco, sua mudez permanente, um suplício; sua presença, de papel. Que não era ela realmente a quem amava. O casamento, outro acidente, entre os tantos que

tivera ocasião de provocar ou assistir. Que a atração por um "lar" tinha sido superior a todos os esforços. Talvez apenas para pregar na porta do barraco uma tabuleta: "Este é o meu lar! O mundo inteiro não vale esta porra!". Mas, que enchera.

Na roleta dos dias iguais, tonteara. A mesma buceta chorosa: "O dinheiro não dá! O dinheiro não dá!" Que as contas chegavam em crescente, caudaloso, a cada dia. E aquilo o soterrara. E que na casa tudo lhe faltava: do pão ao leite, da roupa ao pente, e do calor de uma palavra amiga, ao pleno gozo de uma justa trepada. E que o hábito que lhe restara, dizia aos amigos nas rodas de samba de Sarneylândia, era viver a pagar, a pagar, a-pagar. E apagar, decidira, este pedaço mau de sua vida.

Permitia-me, na sua filantropia recém-adquirida, ler trechos de "Cada Cabeça uma Sentença", da Socorro Trindad, ou "O homem que Assassinava Árvores", do Pedro Simões Lopes.

Um capanga armado até os dentes, defensor da propriedade alheia do sossego alheio, da paz alheia e do lazer alheio, sem nunca na vida ter nada de seu. "Esquecer", "esquecer" — balbucia — "os momentos em que amante resfolegando sobre a racha dela, certificavam-me que, ali, recebia um prêmio apenas por eu sustentá-la. Não era aquilo, não era, o que eu pensara, esperara da vida" — gagueja sobre meu torso nu.

"Já me bastavam as alucinações, nas madrugadas insones em que eu, farmacêutico de borracha em punho, tinha de curar. Ultimamente — revela em suas alucinações — não vinha sendo um bom cirurgião. A vítima, em minhas mãos, me impacientava, virava presunto. Era a pressão. E o lado mais doído, preferi extirpar. A mulher dançou, no momento em que eu te achava naquela noite no bar, onde catava os sem documentos, distribuindo porradas nos meus BOs contumazes: negros, papudos, peões de obras, bêbados insanos, confusos, presos, já, no grande medo da cidade grande. Encontrar-te — soluça ele, garante — pareceu-me ter trincado algo dentro. Meus olhos de anzol, naquela noite, fisgaram algo de frágil no mais profundo de ti".

O quê — não consegue atinar. E que pirara. Relutara para ter coragem de dizer a si mesmo: me amava. E que as noites poderiam ser assim: deitado em meu colo, neste canto do cárcere, a beijar-me a ganhar cafunés. Sem ser preciso estar correndo enfurecido, revólver no coldre, os dedos nervosos, oferecendo chutes e socos, tiros, vozes de prisão.

Todavia, não contou-me tudo. Foi preciso, o ouvido atento, recolher durante o sono, tudo aquilo que fala de si. Vocifera em seus sonhos macabros, povoados de entes perdidos, corpos insepultos, espectros, choros, gritos, flagelações. Ali se mostra o que, desperto, me omite: conta das mortes que fez, das torturas que aplicou, da ocultação de cadáveres, domicílios que violou. Sei também, pelo que me inflinge, que a mulher, por mais débil que fosse, longe dele ressuscitou.

Quando chega feito a besta-fera, de súbito, me brutaliza, e me curra o quanto bem entende, me elegendo seu estupro predileto. Cavalgando-me tal qual um demente, gemendo, enquanto me aferroa e aterroriza, com pequenos e meticulosos atentados.

No início, como eu vacilasse, desferia-me golpes, coronhadas, gases de efeito moral para que eu cedesse. Por fim, instituiu um código doméstico, somente pelo prazer de me governar. Censura-me toda a expressão. Pelo Artigo 5, me cassou a língua. Me permite apenas banho vigiado, uma sopa rala, e ver o sol uma vez por mês. No entanto, esses tais editos ele mesmo desrespeita, quando chega da rua possesso, carregando todos os males.

Resolvi um dia provocá-lo, rebelar-me, nem que pela morte, para reaver a liberdade. Arquitetei meu suicídio com vagar, utilizando os instrumentos que ele usa, os quais furtei enquanto meu tirano/amor dormia. Algemas, gás lacrimogênio e muito brilho, o brilho todo que ele traz da rua, arrebatado de pequenos traficantes. Como seu objeto de amor — eu pensava — ao matar-me estarei matando-o. Mas, o tiro saiu pela culatra. Chegando o dia que elegi para o meu suplício, numa dolorosa respiração boca-a-boca, reavivou em mim a chama do que ele sentia. Queria-me vivo, para matar-me ou morrermos, talvez, num pacto shakespereano.

Lentamente, agora, nos seus pesadelos, já se percebe nítida diferença. Ao invés de algoz, ele é caça. Querem linchá-lo, e para mim isto é progresso. Guardou de forma carinhosa, o rótulo que lhe pespeguei num acesso de choro — "Inimigo do Povo". Por momentos, quando o proclamei, petrificou-se. Aproveitei para adentrar o seu silêncio e flutuar no vazio que se abrira.

— Tu és filho do campo, Severo. Não tens estes direitos todos de que te apossaste. Que fazes com esta armadura? És um simples gorilão nojento. Tua couraça, seja de ferro ou couro, não será poderosa o bastante para impedir a infiltração em teu cérebro da dor imensa que causas em todos os humildes. Todas tuas bombas, teus gases não serão eficazes a ponto de eliminar o ódio que geras diuturnamente no coração da gente.

E, assim, consegui uma anistia, embora capenga, que me permite dizer-lhe o que penso. Tento mostrar-lhe e — suprema surpresa! — ele me ouve: nossas posições como sendo o outro lado de uma moeda, fabricada de argamassa umedecida com a consciência de uma multidão — os outros — em suas vidas organizadas, assépticas, metódicas, repletas de uma paz muito cara — o preço que ele cobra para lhes doar.

Paulo Augusto é jornalista e poeta.

À solidão das mulheres

Eduardo Gosson

À solidão das mulheres
da ilha de Quessant
que tecem fios de lã
de ovelhas marinhas
e, pacientemente,
aguardam seus marinheiros
invisíveis

À solidão das mulheres
siberianas que,
solidariamente,
produzem o pão de cada dia

À solidão das mulheres
nórdicas que,
na sobriedade dos gestos,
descotidianizam
a vida

À solidão das mulheres
que, dos becos
escuros de Chicago,
alimentam o "sonho"
americano

À solidão das mulheres
da África sentida –
o povo tomou caminho
da barca –

À solidão das mulheres
– eu canto!

Eduardo Gosson, *é poeta, professor. Editou o Suplemento Cultural "Contexto", na década de 70.*

ZAÍRA

ARTISTA DO IMPONDERÁVEL

Fotos cedidas por Zaira Caldas.

Dorian Gray Caldas

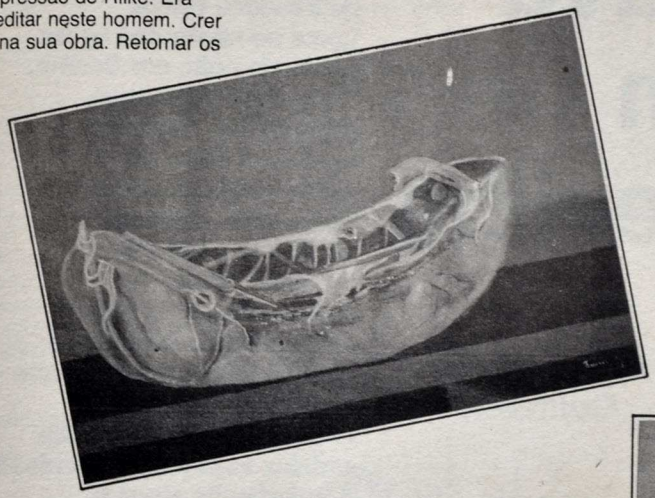
Zaira, artista de notável capacidade criativa nos permite esta viagem em sua obra. Da fase expressionista inicial ela revela um condicionamento de infância, lembranças do sertão na "permanência da memória" rediviva nos personagens de retirantes, serras, cactos, caatingas, sol no aço "estridente dos metais", do qual nos fala Rubem Braga, em uma apresentação a respeito da arte de Zaira. O aço deste sol dos sertões. Luz em contraste com a silhueta negra das graúnas. Negro das roupas das mulheres do sertão: rezadeiras, beatas, romeiras; tipos e cenas que Zaira guardou de sua infância redescobertos na magia de sua arte em tons contrastantes, fortes, definitivos.

Da segunda fase que ela denominou de "analogismo sintético", a artista em pleno domínio de sua arte, relaciona partes do seu mundo onírico numa figuração de portas, janelas, casario colonial; simétricos, ricos de informações estruturais e de densidades emocionais onde se pode ler o seu aproveitamento de velhas culturas, na pátina das tintas, no relevo dos frontões, ora inequivocamente barroco, ora aculturando-se com a arte bizantina, numa integração de valores que longe de comprometer o seu trabalho, imprime-lhe um halo de eternidade. Identificação de sua vivência artística, de sua pesquisa nos livros, de sua inteligência viva ao captar todas as informações válidas à sua capacidade criativa. Nota-se também que Zaira, morando no Rio de Janeiro, (ao tempo em que o vivenciou), guardou muito da fisionomia arquitetônica do princípio do século, dessa convivência com o ar de antiga nostalgia o desenho da cidade que nos quadros de Zaira, no dizer de Luís da Câmara Cascudo, estão "povoados de vidas invisíveis" e diz ser ainda da "cor do tempo, dimensão analítica da sugestão inspiradora". Este "analogismo" a que Zaira chegou, semelhança de coisas diferentes entre si, mas justaposta em suas criações, forma uma só peça, um só painel, de intensa beleza cromática.

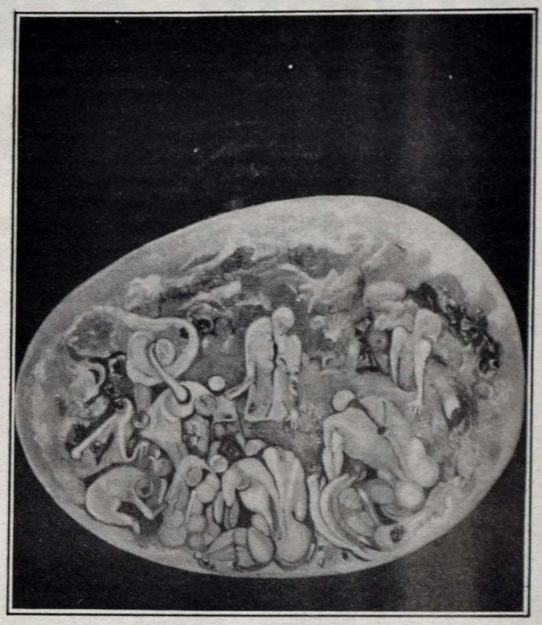
Neste inconsciente criativo estaria também o "embrionismo", sugestões de vida, palpitações de seres, fermentação de idéias inconclusas que no dizer de Hugo Hauler seriam idéias "convulsivas" de um mundo interior, intensamente vivido procurando uma ordenação metodológica. Multiplicidade de sentimentos numa vigorosa imaginação que tanto (à maneira de Picasso) se organiza, como se desorganiza, faz e refaz-se continuamente, na sua realidade mítica. E não é preciso dizer que esta migração de idéias, esta agitação embrionária de seres e de coisas, está sempre no cerne de sua obra, no âmago de sua controvertida capacidade de autoafirmar-se.

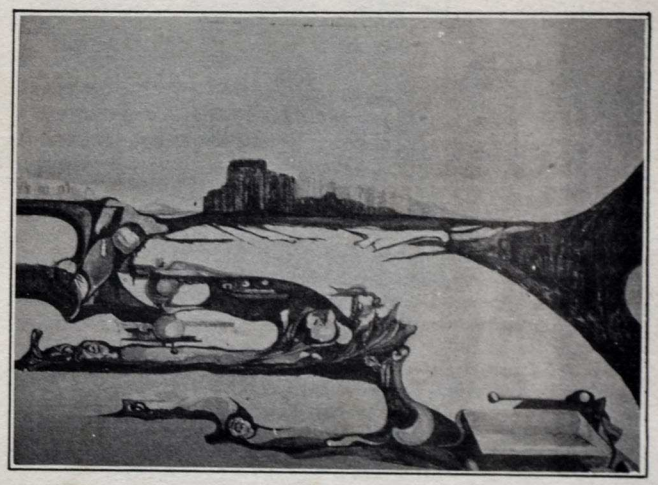
Zaira emerge deste aparente caos de sua arte para novas soluções. Redisciplina sua arte, reorganiza o seu mundo interior, pela sensibilidade bem dotada, pela requintada técnica do fazer constante, onde personagens parecem saídos de um teatro grego, redivivos pela eterna magia da arte. Desta incursão no mundo trágico dos seres (e do seu ser) Zaira procura o equilíbrio entre a verdade da arte e a verdade da vida. Uma e outra, intimamente ligadas num só compromisso: a criação. Caminha na linha das sociedades humanas, procura revelar na sua arte as verdades eternas do homem. Seus conflitos, seus dramas, suas tragédias. Sem perder o domínio de seu estilo. Para tanto recorre à técnica: usa colagens, grafismos, ideogramas. Nascem seus símbolos inquietantes. Suas mensagens. Nascem seus "monstros". Mais da sociedade em que vivemos (lixo dos resíduos desta sociedade de consumo), do que da sua necessidade de criá-los. Zaira vai compondo suas metáforas modernas que têm a força de um megaton de luz. Este é o seu "expressionismo analítico".

Nesta análise sua alma se retempera. Seu ser se disciplina, sua capacidade criativa se fortalece. Seus "monstros" não têm poder sobre sua arte. São formas esteriotipadas. São os "outros" na expressão de Jean Paul Sartre. Mas se eles existem, existem também os "anjos", na arcepção Rilkeana, os elevados sentimentos, tão profundos e ao mesmo tempo tão transparentes e tênues como "Deus separado de nós por um tabique", ainda na expressão de Rilke. Era preciso acreditar neste homem. Crer em Deus e na sua obra. Retomar os



caminhos do lirismo e da aceitação. Os caminhos da verdade mais funda. Na sua arte existe lugar para muitas casas como nas moradas do Senhor. Existe no seu coração lugar para pulsar novamente as migrações de verdades prosaicas e enredos aparentemente menores. É que não existem enredos menores nem verdades pequenas se "a alma não é pequena". Zaira exercita os temas folclóricos, os maracatus, o Bumba-meu-boi, as lapinhas, os reisados. Junta a tudo isso, a cor da terra, a palha do coqueiro, a tarja azul do mar. E as tardes ficam mais luminosas porque do alto do mastro, o gageiro avista terras de Espanha e areias de Portugal. Pulsa no arco do tempo invisível um laço que prende o tempo inteiro. E tudo se transforma numa dádiva. Todas as "escolas" se fundem numa só. Uma menina manda flores. Um galante veste a tarde com um gesto. Toda a pintura de Zaira explode como o verão que via chegar. Esplêndida, onírica, límpida. Esta fase onírica de Zaira, não precisa rótulos, nem nomes. Não precisa defensores nem críticos. Seu coração está mais alto, o sino de sua emoção bate nos bronzes do tempo. O sentimento da terra à qual ela sempre volta está aí em todo o seu esplendor. Com a força de sua aguda sensibilidade humana. Indiscutível. Arte e vida inseparáveis. A artista trabalha na memória do ontem com as mãos e a sensibilidade de hoje, na tentativa de salvar a legitimidade de nossas tradições, na certeza de que assim fazendo terá dado a sua contribuição à preservação da nossa cultura. Nesta defesa das nossas tradições inclui-se também o seu trabalho ecológico. Suas matas e suas paisagens devastadas. Troncos retorcidos, como se o verde cedesse lugar ao sangue. Cada árvore tem raízes humanas. Cada tronco tem veias e tem fibras que latejam. São como membros de uma enorme vida orgânica. Algo espantosamente cruel. Mais forte que a descrição de uma batalha. Ali estão vidas. Não são coisas inertes, ou fotoaéreas de um satélite. São registros de um crime. E este relato do "ecologismo" em Zaira, dói. Se de sua arte só este registro ficasse, bastaria para afirmá-la como denunciadora desta impunidade que desfibra a nossa Amazônia e desfibra também (e como!) a nossa legitimidade cultural.





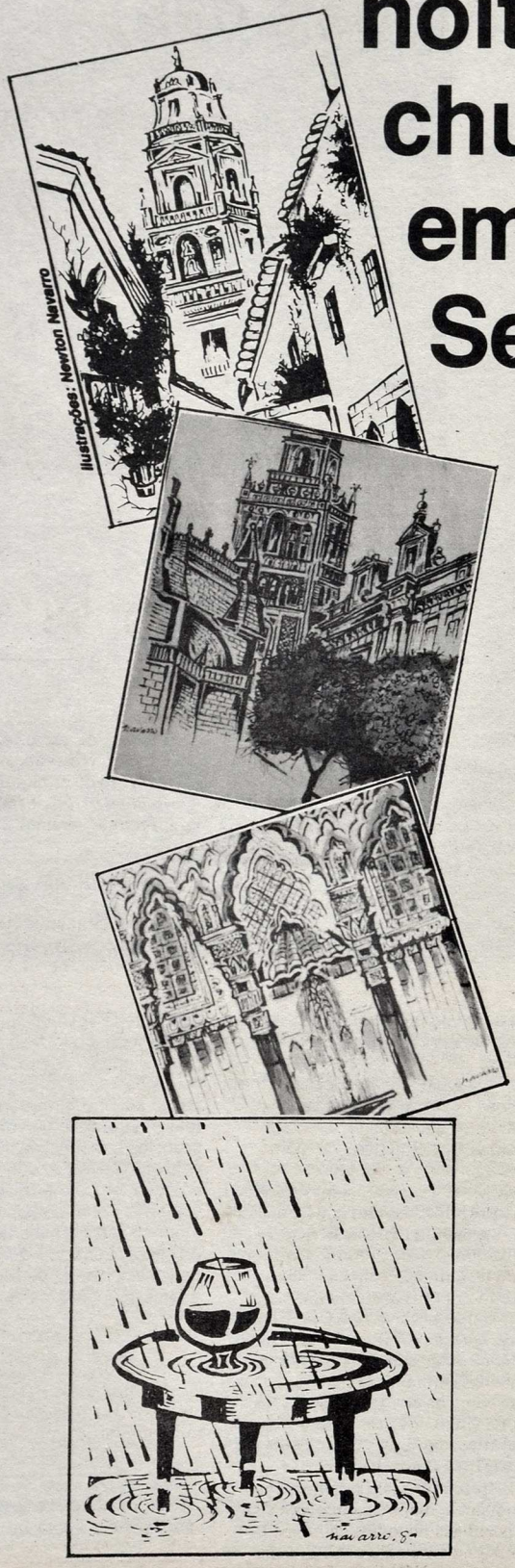
Zaira fecha esta amostra que agora realiza com o "concentrismo". Obra de sua última fase, à qual ela se doa numa integração de valores recorridos através de seu longo período de arte e exercitados com a maestria de sua linguagem pictória. Zaira retoma assim a linha da arte sintetista ampliando-a no "concentrismo". Nela a emoção está a serviço de sua sensibilidade. Procura expressar em cada quadro a soma dos valores que muitos artistas perderam e muitos nem ao menos conheceram: a soma dos valores vitais. O longo aprendizado de Zaira permite-lhe este domínio e autentica todas as suas fases, com a marca da superior qualidade artística. E vai longe na sua busca incessante de novos experimentos e de novas criações. Faz parte inerente de sua personalidade a inquietação do fazer (e sempre mais bem feito) e o de sentir a artista que a acompanha. Uma e outra, a artista e a criatura, numa só vibração; cordas tensas de um violino, para nos transmitir a emoção mais sentida e a técnica mais apurada. Uma artista que não se preocupa apenas com a arte de pintar bem, mas como pintar e porque pintar. Se existe uma explicação para a "magia" da arte da qual nos fala Ernst Fischer, Zaira vai ao âmago desta magia e retira dela as razões fundamentais de suas criações. Técnica e emoção. Vibração e sentimento, descobrimento e deslumbramentos, a artista está sempre fora de órbita ou melhor, está sempre na dimensão maior de suas verdades eletivas.

Se Gauguin já havia descoberto a "síntese" para alguns dos seus quadros (e aqui ressalte-se o seu "cristo amarelo"), Zaira vai além redescobrindo na sua técnica "o concentrismo", a herança de diversos estilos, a força, a energia, a simbologia e principalmente a abrangência de seu sentimento para o humano. Os nomes, os rótulos, as escolas, os estilos, mudam, envelhecem, morrem. Perdem o significado e a credibilidade. A arte não, esta fica. A nova fase de Zaira vai ficar. Não pela escola que porventura se firme daqui em diante. Mas pelo que Zaira representa no contexto das artes em nosso Estado, e pelo muito que ela já representa para as artes em nosso País.

Conheço-lhe o temperamento, inquieto, pesquisador, inconformado. Não foi a primeira nem será a última esta fase a que Zaira se debruça com apaixonada veemência. Redescobrindo formas, analisando possibilidades, criando arte em condições as mais complexas e às vezes as mais surpreendentes, Zaira realiza uma obra de vanguarda, silenciosa, monástica, límpida, bela, pelo puro prazer de criar para si (e para nós que temos o privilégio de conhecer o seu trabalho), um dos momentos mais altos de sua carreira artística, aventura a que se submetem os vocacionados, os bons, os eleitos e principalmente, os verdadeiros artistas.

Dorian Gray é artista plástico, poeta, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Rubem Braga na noite de chuva em Sevilha



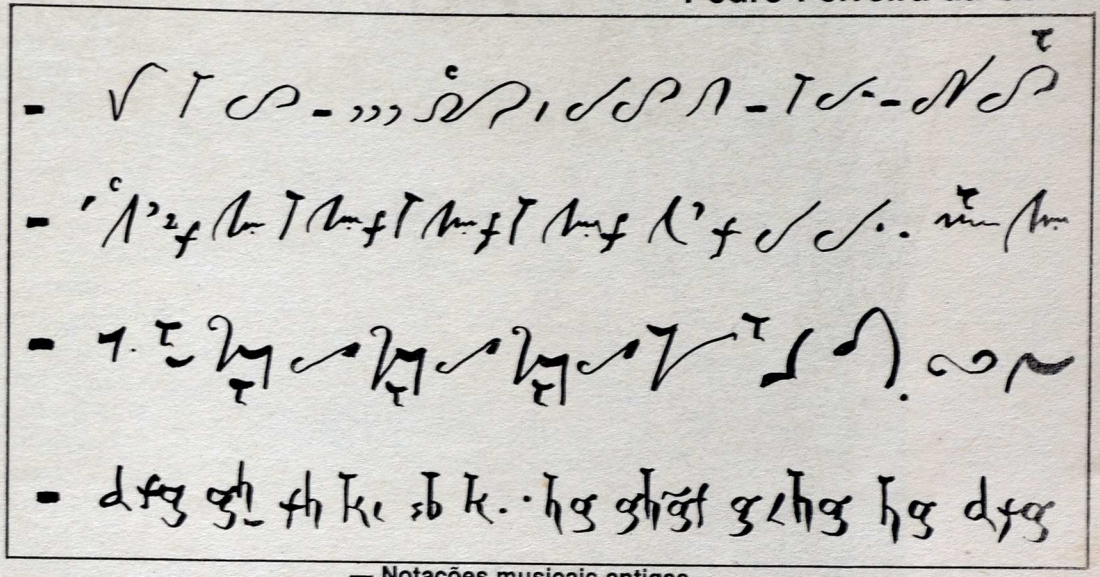
Luís Carlos Guimarães

Era de noite e chovia,
chovia tanto em Sevilha,
que restou ao Velho Braga
espera de tempo seco
para chegar a Algeciras.
no outro dia. Chuva espessa
em hora do escurecer
nos seus ouvidos cantava
os lamentos da viola
de Federico Garcia
Lorca no choro das águas,
águas da noite em Sevilha.
"Hoje aqui pernoitarei.
Amanhã em Algeciras
terei o sol espanhol.
Antes verei o naufrágio
desta noite sevilhana".
Ali no salão mourisco
do Hotel Afonso XIII,
o Velho Braga de guerra
assim pensou serenando
quando bebeu do conhaque
amargo da solidão.
O que buscavam no pátio
andaluz seus passos surdos?
A noite, noite afogada
sob o mar que cai do céu.
Quantos lugares cruzou
até parar no Alcazar?
Arcadas e ventanales,
os frisos de azul-cobalto
e capitéis califais,
a gótica escuridão
da catedral encharcada,
rua chamada Sierpes
cheia de luzes e vozes,
Pátio das Cem Donzelas
entre colunas de mármore.
Onde as donzelas? Nenhuma.
Sobre as águas não verás
a lua — luna lunera
no rio Guadalquivir.
Nem verás a sua sombra
na corrente de águas grossas.
Ainda chovia quando
partias para Algeciras.
Chovia na madrugada
de Jerez de la Frontera
— la ciudad de los gitanos.
Em terras de Estremadura
fugitivos olivais
na paisagem embaçada.
Chove. Ainda chove na
crônica do Velho Braga.

***Luís Carlos Guimarães** é poeta, autor, entre outros livros, de **O Sal da Palavra**.*

Perfil da Música, uma marca dos tempos e das civilizações

Pedro Ferreira da Costa



— Notações musicais antigas —

Para início de trabalho posiciono-me diante de duas considerações fundamentais quanto à configuração da música: o **quando** e o **onde**.

A história tem as informações da imagem musical desde a antiguidade até nossos dias, passando pelo Egito, Índia, China, Arábia, Grécia, ... até nossos mais próximos limites.

NA ANTIGUIDADE

(— desde (?) ... ao século III, constando de ritmo e melodia, e dando vida e graça à palavra e ao gesto).

TECHENE MOUSIKÊ chamava-se a arte do som que assistia ao convívio das divindades da beleza, particularmente das nove musas:

CLIO — que presidia a história
TALIA — responsável pela comédia
ERATO — incentivo à poesia erótica
EUTERPE — guardiã da música
POLYMNIA — inspiradora da poesia lírica
CALLIOPE — entusiasmo à eloqüência
TERPSYCHORE — dinamizadora da dança
URÂNIA — quem dirigia a astronomia
MELPÔMENE — a que regia a tragédia

Para os antigos, a mousiké abrangia, em sentido largo, toda a cultura artística:

— a educação da alma (Platão)
— o concerto e a harmonia do universo na esfera dos números (Pitágoras)...

Num sentido mais restrito, a música envolvia a harmonia (relacionada à interpretação), a orgânica (fabrico dos instrumentos), a orquéstica (desempenho da dança), a rítmica e a métrica (musicalidade contida na poética).

Desde registros mais remotos tomava-se consciência da capacidade evocativa dos sons musicais variando com a altura (número de vibrações por segundo), a intensidade (amplitude das ondas sonoras) e o timbre (sons harmônicos de percepção mais ou menos consciente). A partir daí efetua-se o seu toque no sistema nervoso estimulando efeitos psicofisiológicos. Assim, quem ouve música se emociona. Quem canta ou toca com única emoção.

Entre os primitivos encontra-se uma música simples e notadamente ritmada, destinada a funções religiosas e expressões rituais. Sensações, esforço físico, movimentos do corpo sempre foram acompanhados de emissões vocais. É o surgimento de uma música com base instintiva comum a todos os homens. É o começo dos cantos de trabalho encarregados de facilitar a regularidade dos exercícios corporais. Claro que suas escalas eram de excessiva simplicidade, compondo melodias num restrito número de intervalos sonoros (formava-se o "sistema" pentafônico: escala de cinco sons, ainda hoje em vigor principalmente entre os orientais). Comparando-se com a atual escala diatônica (de cinco tons e dois semitons) aqueles cinco sons correspondem a algumas de suas notas (graus). Um exemplo é o hino nacional chinês.

A MÚSICA NO EGITO

Para os egípcios a arte musical era de origem divina. Dela cuidava a casta sacerdotal. O ofício sagrado era acompanhado pelo canto e freqüentemente também pela dança. Cognominada de "arte da alegria", a música constituía uma exigência da vida social em todos os níveis. Os historiadores falam de um milenar canto nacional chamado MANEROS e de um HINO DAS SETE CORDAS VOCAIS, como ainda de cantos populares e lendários.

No Egito a "teoria musical" estava relacionada com a observação astrológica e as doutrinas cósmicas, associando as notas aos dias da semana e aos planetas então conhecidos.

Os instrumentos do seu uso eram o címbalo e tambores (percussão), a flauta e trombetas (sopro), a harpa e a cítara (cordas). As iconografias revelam a existência de pequenos conjuntos instrumentais provavelmente com base só numa postura heterofônica.

A MÚSICA NA ÍNDIA

Aqui a divina arte se conectava indissoluvelmente com a filosofia e a religião. O som se identificava com o supremo princípio criativo do universo. O sistema musical era condicionado a uma realidade fundamentalmente vocal. Suas primeiras composições foram hinos, canções sacrificais, cantos mágicos que acompanhavam as formas litúrgicas. A base de todos os textos sacros era o RIGVEDA, contendo os hinos dedicados às várias divindades. Contudo, as composições mais complexas faziam parte do SÁMAVEDA reservado aos sacrifícios mais solenes. A dança era um complemento ritualístico. Dentre os instrumentos os mais usados eram o VINÂ (tubo de bambu e cordas), RABAB (corda e arco), o SARANGI (também de corda e arco) e o TABLÁ (tambor de madeira e metal).

A MÚSICA NA CHINA

Os chineses possuíam um sistema musical próprio. Usavam uma escala de cinco graus (pentafônica) determinados do grave ao agudo mediante a sucessão de quintas (de 5° em 5° grau), obedecendo rigorosamente a um plano teórico, o que tornava possível o emprego de notação musical.

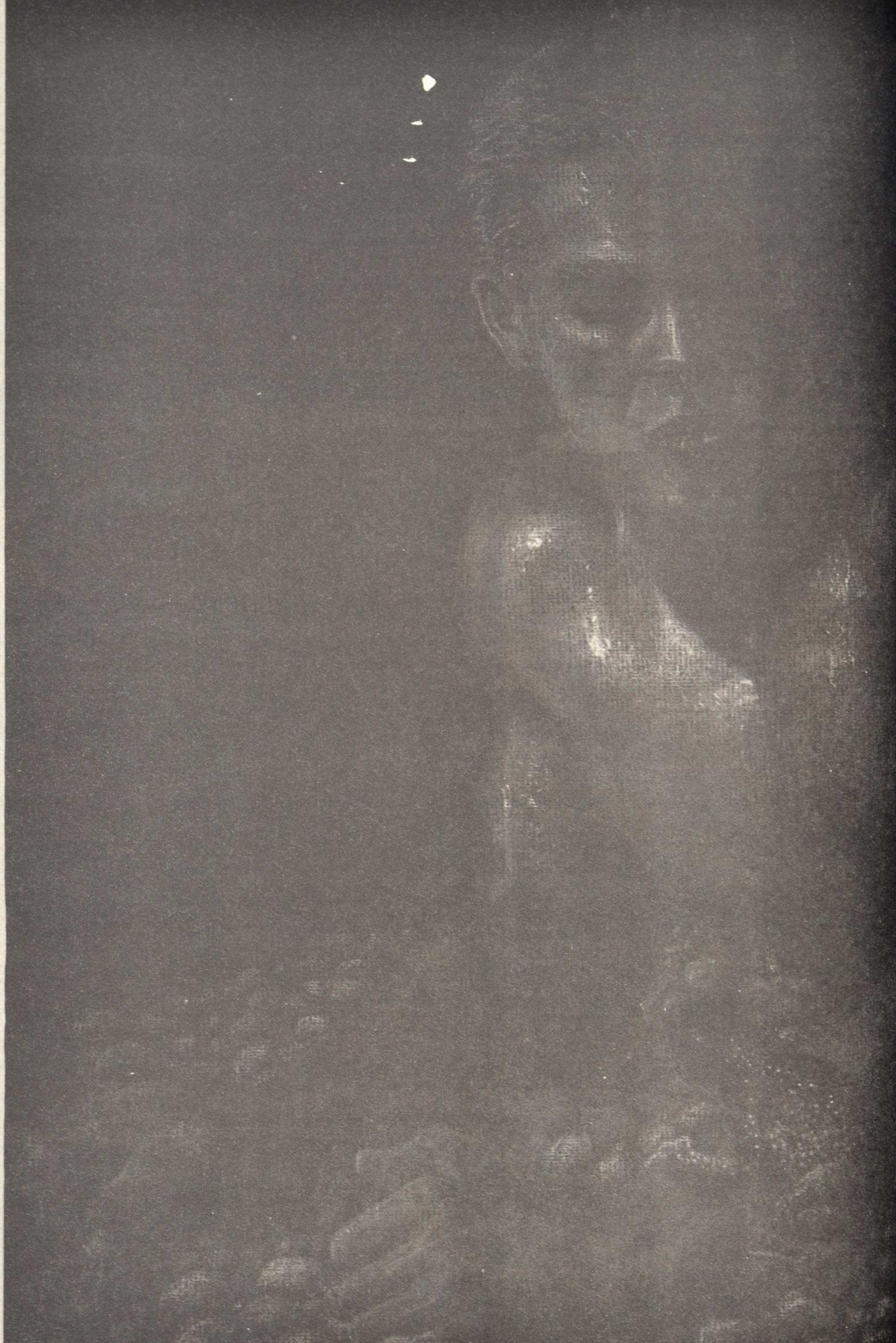
A prática da música intervinha regularmente nas cerimônias religiosas e civis, bem como na educação dos jovens. O LI CHI (livro dos ritos) tem um amplo capítulo dedicado à música. O SHIH CHING (livro dos versos) compreende trezentos e cinco cantos: canções populares, hinos e cantos solenes. As mais antigas melodias chinesas datam do segundo milênio a. C. E os instrumentos eram: KIN (espécie de saltério com cordas de seda). KING (percussão, confeccionado em pedra). CHENG (órgão de boca, utilizando canas de bambu). UHR-SHIN (espécie de um primitivo "violino").

A MÚSICA NA ARÁBIA

Autores muçulmanos depositam a origem da música na criação do homem. Atribuíam-lhe uma derivação divina. Seu conceito na cultura pré-islâmica parecia conter-se mais a uma idéia de "alegria" ou de "esplendor" do que a uma visão mística e filosófica própria das civilizações extremo-orientais.

A prática musical era confiada prevalentemente às mulheres do povo, de modo especial a uma categoria de cantoras que atuavam em ocasiões de festa e divertimento. Suas principais formas se devem ao desenvolvimento do canto dos beduínos, tais como: o lamento, a elegia e o canto profano. O elemento estilístico característico da música árabe era e continua a ser o ornamento: trillo, gorgheggio e fioritura. Usava-se, no entanto, uma escala de pequenos intervalos. Quanto aos instrumentos, muito em uso eram o alaúde (corda dedilhada), o tunbur de Bagdá (com apenas duas cordas), a flauta e o tamborino (membranófono, de percussão).

Pedro Ferreira é regente do Coral Canto do Povo, da Fundação José Augusto.



SOFISTICADAMENTE MALDITO

A intensificação do processo de divisão social do trabalho promovida, a partir da Revolução Industrial, pelo modo de produção capitalista, refletiu-se nas Artes Plásticas, entre outras coisas, na dicotomia Arte "pura" versus Artes Decorativas. Esta questão simplesmente não se colocara em etapas anteriores da história da humanidade (p. ex.: Egito, China, Grécia, Idade Média, etc.). Mesmo na Renascença encontram-se exemplos como o de Michelangelo: o artista desenvolvia um projeto criativo global que incluía arquitetura, paisagismo, pintura — mural e de cavalete — escultura e decoração de interiores. A classificação pejorativa que, em nosso tempo, se faz de um artista como "meramente decorativo" é, na verdade, reflexo ideológico da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual que preside à alienadora fragmentação do trabalho na produção industrial. A evidência de que esta posição é redutora e insustentável ressalta de alguns exemplos-limite: a) Como considerar como "meramente decorativos" artistas da magnitude de Klimt, Gaudí, Odilon Redon e Aubrey Beardsley? b) Como recusar "status" de arte à produção de objetos decorativos como os cristais de Gallé e Tiffany, as jóias de Lalique e os "posters" de Mucha, Toulouse-Lautrec e Bonnard? O objetivo destas considerações é buscar um enquadramento teórico-histórico para a arte de Eugênio Medeiros; por ser extremamente provocadora, do ponto de vista temático, ela é, nesta Aldeia de Poty, considerada maldita. Preconceitos à parte, defendo aqui a idéia de que os aldeões estão, pelo menos parcialmente, equivocados. Eugênio, é de fato, um "maldito", mas não pelo "leitmotiv" dos seus desenhos: a apologia do sexo masculino como objeto de deleite e prazer estéticos. Sua "maldição", refinadíssima maldição, reside antes na sua postura como produtor de arte; ele situa-se, deliberadamente, naquele território ambíguo e impreciso entre a arte "pura" e o "meramente decorativo". Colocando uma técnica superlativamente realizada a serviço de um tema considerado proibido por nossa cultura (ou subcultura?) repressiva, Eugênio retoma o precioso filão explorado pelas miniaturas persas, a cerâmica Inca, o baixo-relevo erótico/religioso da Índia, etc.: a manifestação do dionisíaco transfigurado em pura expressão estética. Não é por acaso que um dos seus trabalhos de maior impacto visual seja uma Mandala, tradicionalmente um símbolo místico de integração dos opostos. Acoplando um conteúdo explicitamente sexual a uma forma da mais elevada religiosidade, Eugênio Medeiros realiza, como um alquimista alucinado, a sua Coniunctio Oppositorum. Esta é a sua Pedra Filosofal. Ao seu toque, a carne resplandece de espiritualidade e o Espírito faz-se carne para o pleno gozo do olhar.

ELÁDIO BARBOSA

POEMAS IMPERFEITOS

Francisco Ivan

EPIPHANIA

a Paulo da Estrela

Essa estrela não brilhou para vós.
Mas para mim.
Brilho d'estrela
Luz luzindo luz brilhante
É brilho luzidivinal
Brilhante eternamente em mim,
Na escura noite do deserto,
Que atravesso loucamente,
Entre visões beatíficas
E entrevisões proféticas,
Cá embaixo,
em pedregoso deserto.
06 de janeiro
de 1989

Nossa Senhora das Orquídeas

Ah! Nossa Senhora das Orquídeas,
Ora pro nobis!
Dias de trevas e travessias,
Angústia e aflição,
Espanto e tribulação!
Ó Nossa Senhora das Orquídeas,
Dos sonhos incompreensíveis dos loucos,
Abençoai a arrogante paixão dos fanáticos.
Sei que, em todo tempo,
Da memória retiro estranha história,
Todavia posso imaginar:
A divina sabedoria me assiste.
Ó Nossa Senhora das Orquídeas,
Velada no mistério da vida monástica,
Velai-me em minha perversidade!
Não há quem me redima nem salve,
Salve, ó Senhora das Orquídeas,
Quando amedrontado vejo o deserto entardecer.
É o perigo que me atrai?
Ah, espero-vos aqui. Ai de mim se eu voltasse!
O presságio me diz num pé de zombaria.
Ah, Senhora das Orquídeas,
Quão pesado é o ar depois da colheita,
Que indícios de uma estação amarga?
Cada vez mais escuros passam os dias
E a coruja entoa um canto de morte!

(03 de fevereiro de 1989)

EPITALÂMION

a James Joyce
02-02-1882
02-02-1989

Abro a meu amado
Meu coração.
Abro meus lábios
Em melódicas palavras.
Vou contar em suave voz
Como vai minha vida,
Nutrida de suavíssimo perfume,
Superior a de Salomão
Entre as flores dos campos.
Ah, hoje e amanhã vou correndo
Co'as mãos cheias de frutos,
Frutos do amor entre macieiras,
Na contemplação viva que ele nos deixa.
Ah, dai-me forças com maçãs,
Bolos de passas e frutas cristalizadas!
Oh, frutos d'amor, dai-me forças!
Onde estás, dulcíssimo amor?
Encantada imagem de meu sono,
Onde te escondeste?
Onde te hospedaste?
Hoje, quem te alegra em companhia?
Qual é tua morada?
— O céu? A terra? O mar? Alguma casa...?
Com a erva que cresce sobre os vales,
Levo a vida entre macieiras.
Como é belo, ó meu amor,
E que doçura!
Não é o amor o alimento de todas as cousas?
— Todavia pergunto a ti,
Por que me perdeste tão facilmente?
Ó doce amor, por que não me guardaste
Em caixa de segredo?
Por que não me escondeste
Em porta-jóia de mistérios?
Por que me provaste com o coração
E me desprezaste com a razão?
Vê, o verão já passou,
Vem ver-me sob a relva:
As flores florescem,
O tempo da colheita chegou,
A terra produziu seu fruto.
Ah, dai-me forças com maçãs,
Oh, adormeço ao tronco de árvores,
Cuja raiz é amor e beleza.

(In)confidência

Não há perigo para nós
Nem decretos nem leis nem salário.
Mas a clarividência meridiana
Força-nos presenciar
Sobre nossas cabeças tiros de pedras
Atiradas num gesto mortal.
À direita, a lei do fogo,
À esquerda, a taça da soberba.
Ó homem, que és para agires assim?
Depois que o dadivoso dezembro se fundiu
No dividoso janeiro,
E fizemos a colheita das maçãs,
Na terra se abriram enormes fendas,
As árvores, como espectros, se balançam,
Na vastidão dos campos recortados.
Feliz ano novo espera o camponês
Sem perder a esperança de mais uma colheita
Preludiada na fantasia carnavalesca
De um bom povo sem El-Rei Dom Sebastião.
Mas ai de nós se ele voltasse
Para a terra onde mandam os barões!
Ah, se El-Rei tivesse sido ou mais fraco ou mais forte,
Que outro teria sido o destino de nossa raça!
Mas nosso Imperador fez aliança com Napoleão Bonaparte.
Há séculos, traficamos em portos clandestinos,
Em 1822, ouviu-se um grito estrangeiro,
Em 1922, pisamos em terra firme.
Com nossas mãos cortamos pela raiz o Pau-Brasil
E, em Porto-Seguro, ficamos inseguros a ver navios.
Ficamos a esmo, contra a maré do poder
Oscilante, entre senhores rurais e barões de café.
Nossos jovens foram alistados para a lavoura da cana,
Nossa esperança ficou presa à ordem de novos cruzados.
Por isso te rogo, ó povo meu, que te acordes,
Que te levantes para rogar a El-Rei Sebastião,
Que nos salve do saque cruel,
Das cadeias que nos amarram.
Que possamos, finalmente, respirar liberdade!
Eis um momento raro para o descanso.
É carnaval! Bem-aventurado quem pode
Divertir-se três dias nestas delícias.
Por isso El-Rei aparece gordo e alegre na luta.
Seu braço direito se abre aos poderes do mundo,
Toda potestade do mal baila e cintila a seus pés!

Francisco Ivan *é poeta, professor de literatura da UFRN. Autor dos livros* ***Epiphania*** *e* ***Persona, uma face perversa.***

Tentação no Deserto

a Thomas Merton

Ah! Fingir Eu poema,
Onde o espectro de homem não mais pode voltar a espírito!
Na contemplação de mim mesmo, vejo-me nada:
Nada unido a nada.
Nem formas nem cores me atraem a alma.
Transluz apenas ilusão de objetos sem planos.
Sobre o pó a que reverterei
Meu Senhor e meu Deus,
Ajudai-me nesta jornada pelo deserto,
Meio a homens travestidos de monges,
Meu Senhor e meu Deus!
Eis, como anjos, dobram os joelhos,
Qual leão, javali ou lobo:
Feras com almas famintas de carne humana!
Eis-me Daniel na cova dos leões,
Vestido de realeza nada temo!

Última Cena

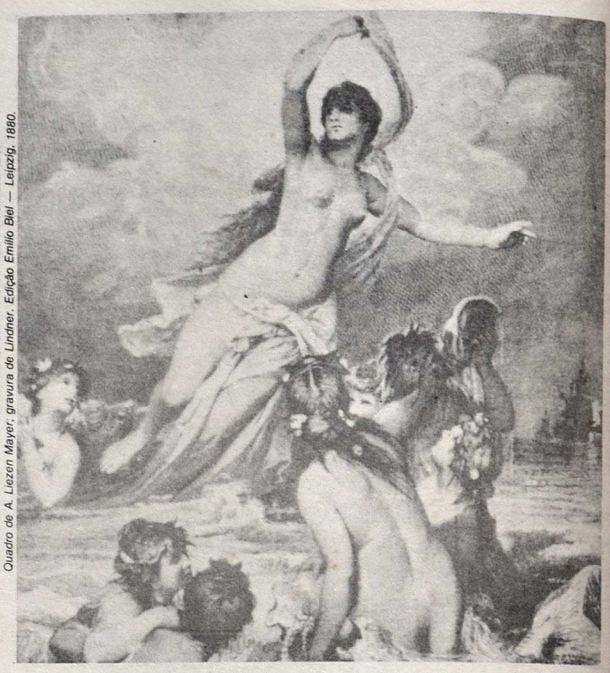
A caminho, Vésper ressurge.
Tudo agora está claro:
A poesia deleita os sentidos!
Começamos a viver do Espírito.
Como criança às Vésperas do Natal,
Por fatal que seja a espera
O vento promete paz oriental.
Encanto-me em beleza,
Foi o tempo que me deixou assim:
A bel-prazer da beleza.
Quando criança contemplei o mar:
Se me abria como a Tempestade de Shakespeare,
Com o disfarce de ingênua encenação premeditada...
Ator que se transfigurou num Cisne,
No pulso das tempestades deixou-se guiar por Homero.

De mim para Borges: esse Poema sin forma

Conozco la razón de la vida.
Consideras que nada puedes pensar
Sino por las imagenes de los cuerpos
Que percibiste por el sentido
O fingiste imaginando.
Así como pensando en un poema que viste
Te propones su imagen impresa en la memoria,
Así querrías pensar en la vida
Por su imagen
— Ni crees que haya alguna substancia
Que no tenga en la memoria cierta forma.
Mayor e más excelente, que todo cuerpo,
Es lo que piensas y deseas
Sin imagen alguna corporal.

No RN, poesia é também substantivo feminino

Anchieta Fernandes



14 — VÊNUS ENSINA ÀS NEREIDAS O CAMINHO DA ILHA DOS AMORES. Quadro de A. Liezen Mayer; gravura de Lindner. Edição Emilio Biel — Leipzig, 1880.

O termo "poesia" é feminino em quase todas as línguas, desde a sua etimologia grega: "poiesis", substantivo feminino, designador de: "ação de fazer alguma coisa". Não por acaso, e embora a existência de bons poetas masculinos, algumas literaturas ficaram privilegiadas pela presença em seus quadros de excelentes poetas do sexo feminino. Assim, a inglesa com Elizabeth Barrett Browning, a norte-americana com Emily Dickinson, a chilena com Gabriela Mistral (cujo centenário de nascimento ocorre no dia 7 de abril deste ano), a portuguesa com Ana Hatherly (uma das introdutoras da poesia concreta e visual em Portugal), a brasileira com Cecília Meireles. Aqui no Rio Grande do Norte, a poesia tem-se enriquecido igualmente com a contribuição do elemento feminino, de autoras que com sensibilidade e criatividade vem redimensionando o instrumento em que Minou Drouet demonstrou a competência feminina para a poesia desde a idade infantil. Façamos uma leitura seletiva de poetisas norte-riograndenses, do passado ao presente:

Auta de Souza

Faz saltar por vezes chocantes oposições de imagens, relacionadas a um traço psicológico implícito: o do pressentimento da morte. Tomado em sua carga de significação emocional, o título do seu livro ("Horto") já expressa dois momentos do anunciar este pressentimento de morte: a — conteúdo/significado, quando quer dizer a semântica do *horto* crístico, o lugar de sofrimento antes da morte, o livro de poesia onde acontece descrito o sofrimento da poetisa causado por sua doença, véspera da morte; b — continente/significante, quando explicita a função do material fônico do signo verbal, a palavra "horto", em seu caráter de sombra e tristeza, formada que é por uma mesma vogal (o "o") em duas formas pronunciativas diferentes: fechada e surda —, precedida da consoante aspirada (o "h") e intercalada do grupo consonantal líquido-explosivo ("rt"). A violência do choque do grupo consonantal *r-t* explode como um disparo mortal do "t" sobre a fluidez-vida do "r", o efeito ecoando sombriamente sobre o desfechar-se do fechamento ("ô") e do apagar do tom vocálico surdo (o). Para completar este campo analítico sobre o título do livro de AS, poderíamos incluir aqui como mais um dado uma palavra que rima homonimicamente com "horto", e que é a palavra "orto", derivada da astronomia, e significando "nascimento de um astro", "nascimento", "origem"; o que funcionaria bem no contexto místico da poesia de Auta: morrer no horto (materialmente) — renascer/orto (espiritualmente).

No poema "Ao Luar", o verso
"Quanta tristeza pela noite clara!"

envolve a linha temática da oposição (*tristeza* significando *escuridade* opõe-se à claridade da *noite clara*). Que será definida bem nos motivos recorrentes do último verso de cada estrofe, no poema "Agonia do Coração". Primeiro, o protesto da fraqueza humana ante a impassibilidade da Natureza, o olhar para o alto, para as estrelas, pedindo que seu brilho seja velado, porque a poetisa que as contempla vai morrer:

"Astros! velai-vos, que eu vou morrer!"

Em seguida, o que é atingido é o sentido da audição. A poetisa tísica ouve moças cantando ao longe. Moça ela também, sente-se profundamente deprimida por não poder participar da mesma alegria; o cantar das moças se lhe afigura então bem triste, e ela implora:

"Moças! não cantem, que eu vou morrer!"

Um momento de ternura na 3ª estrofe ocasionado pelo embalar das mães. Apesar de saber que não terá filho ("eu vou sozinha para o jazigo"), a poetisa confia às crianças um terno apelo, esperando que as crianças chorem por ela:

"Chorai, crianças, que eu vou morrer!"

Este momento de ternura é transferido aos animais na 4ª estrofe:

"Aves! Suspirem, que eu vou morrer!"

Por fim, uma imagem mais significativa em sua sugestão semântica, é trazida pelo último verso:

"Flores! fechai-vos, que eu vou morrer!"

Esta imagem manifesta, em seu sentido último, a fusão da realidade concreta representada pelas flores a se fecharem, com a metáfora pertinente à psicologia da poetisa: ela é também uma flor, humana, que vai fechar-se, fanar-se. Este momento temático revela o caráter elegíaco que recobre toda a poética de Auta de Souza, e que pode ser observado em poemas tristes e sentidos, como "Passando", "Lágrimas", "Noite Cruel", "Doloras", "Ao Pé do Luar", e até em certos acentos de poemas com a calma idílica de "Caminho do Sertão".

"Brilham estrelas. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que a Noite ensina ao desespero e à dor...

e de "Num Leque":

"A voz de um órgão soluçando dores..."

Palmira Wanderley

Traz o humanizar a Natureza externa à natureza do Homem, estilema que serve de material ao discurso simbolista da autora. *Simbolismo*, entendido aqui não no sentido de "desdém pelas coisas da realidade circunstante", conforme a definição de Ronald de Carvalho —, e sim no de "uma sucessão de impressões múltiplas e várias". No soneto sobre a palmeira, é o tropo lexical — Palmeira/Palmira (a mulher/poeta se identificando com a árvore, e por sua vez dando-lhe características humanas, com qualidades espirituais como o amor) que traduz uma paronomásia bastante expressiva como achado de poeticidade dentro da Língua: a paronomásia orientada para a similaridade semântica.

Trata-se enfim do humanizar o vegetal para alcançar efeito de parâmetro simbolista, efeito que ocorre neste soneto — PALMEIRA:

"Julgo-te assim, no bem tão dadivosa,
Tão constante no amor, tão luminosa,
A palmeira que eu sonho ser na vida!"

no soneto MANGUEIRA:

"... Qual pérola suposta
A lágrima reluz na fronde que pompeia".

e no soneto PITANGUEIRA:

"A pele é fina. A carne é veludosa,
Vermelha como o sangue, perfumosa,
Como se humana a sua carne fosse".

Possivelmente ocorrerá a humanização dos pássaros no soneto LAVADEIRAS, ao interpretar-lhes o momento amoroso do beijo:

"Beijam-se as aves, no calor dos ninhos".

Uma pequena anotação de leitura estrutural: no soneto MANGUEIRA, o verso inicial

"Exposta ao vento, exposta à noite, ao dia exposta"

representa uma tríade sintetizadora, com a descrição de uma situação cósmico-telúrica (o estar — expor-se da árvore) propondo o fechamento retroativo para efeito de correção metrificadora. Esta tríade poderia ser assim representada graficamente:

a —
exposta ao vento
b —
exposta à noite
c —
ao dia exposta

onde o crescer do enunciar retroage com uma linha menor, significando a quebra do *pattern* proposto inicialmente.

Maria Sylvia

Pela "Coleção Mossoroense" (Vol. CCXC) saiu em 1983 o primeiro livro de poesia de Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara, publicado quando a poetisa estava, não na idade da velhice mas, eu diria, na idade de plena maturidade. O título do livro — "Tempo de Romance e Outros Tempos" — traduz as várias épocas temáticas da poesia de Maria Sylvia, desde o lirismo amoroso de vários poemas até à consciência social (para não dizer política) de poemas como "O Exilado" e "Sem Retoques", passando por poemas de circunstância que contudo são cheios de essência e de valor expressional (como os da série "Lembranças de Belém").

Com a modéstia que a caracterizava, Maria Sylvia se confessou, nas palavras "à guisa de justificação", sem responsabilidade pela publicação desses "trabalhos sem valor" (deveu-se a publicação ao interesse de vários intelectuais norte-riograndenses em ver enfeixados em livro os poemas dela), que teriam "um vocabulário restrito". Ora, não é verdade. A poesia de Maria Sylvia é importante para nossa literatura, não só pela multifacetária pesquisa de ritmos e de formas (sonetos, trovas, canções em tercetos, hai-cais soltos e encadeados tematicamente, poemas em versos brancos), mas também pela riqueza vocabular que capta e aplica com precisão as jóias clássicas da língua, palavras raras mas em si poéticas (corimbos, tapizes, aflar, volitarem, dilúculo, algente, estemas, peplum, guizalhava).

O bom poeta é aquele que sabe ser versátil na escolha de temas e da forma de expressá-los. Pois Maria Sylvia foi este bom poeta: quando fez um poema para criança (V. o poema "Humor e Carinho", para o garoto Daniel Sávio), fez em ritmo coloquial, sem métrica falando em personagens de estórias em quadrinhos; quando fez um poema para ser musicado, usou o pentassílabo (e como o usou bem no poema "Nênia Para uma Flor Que Morreu", depois transformado em valsa por Dalva Stela Nogueira Freire).

Arquivo

Myriam Coeli

Myriam Coeli

A poesia de Myriam Coeli, inicialmente só pode ser analisada conjuntamente com a do seu marido Celso da Silveira. A poesia de Celso é a de um cartesiano:

"No ar um pássaro nada vacila, sem equilíbrio contudo, caminha certo por invisíveis estrias."

A de Myriam Coeli é a de uma elegíaca:

"A glória imperecível para os que morreram."

O elemento de integração: a maiêutica, o diálogo socrático que os une criadoramente:

"Myriam: "... — a que pode comparar-se um corpo apagado nas trevas da morte a alma exilada na presença da morte?"
Celso: "... como pássaro cativo
livre e preso está o morto."

O sentido hegeliano da *fenomenologia* é — segundo Antonio Banfi (em "Filosofia da Arte") — o de representar os graus de elevação da consciência à auto-consciência. Assim, o elegíaco, em Myriam Coeli, não é da mesma natureza trágica que em Auta de Souza; porque tem o conforto filosófico da alegoria:

"... criarei símbolos para que vivas."

Myriam Coeli faleceu em 1982, quando sua poesia já atingira o estágio de uma pesquisa mais rigorosa, levando-a a inovar nossa poética no campo axiológico da estruturação vocabular. O que seria, aliás, reconhecido pelos julgadores de nossos concursos literários, premiando livros seus no Concurso Otoniel Menezes e no Prêmio de Poesia da Fundação José Augusto. Em livros como "Vivência Sobre Vivência" (Editora Universitária, 1980), ela permanece tematizando o elegíaco, embora com a intuição de velar permanência (V. p. 66), deixando um legado de testemunho da terra, "sensualmente viva".

Zila Mamede

"Repalavreamento" — segundo Roman Jakobson — é uma modalidade de uma tradução de uma palavra através de outros signos da mesma língua. É, portanto, recurso que serve bem aos poetas que sabem re-inventar a língua. Como Guimarães Rosa. Em entrevista ao extinto jornal natalense "Correio do Povo", Zila Mamede declarava-se devedora ao autor mineiro para a sua formação literária, respondendo sobre qual era o seu momento de criação preferido: "O diálogo com as palavras. Espécie de avaliação total de suas possibilidades dentro do poema." (V. "Correio do Povo", 25/07/1965). Esse diálogo com as palavras marca toda a obra poética de Zila Mamede, desde o primeiro livro ("Rosa de Pedra", 1953) obedecendo a uma linhagem de pesquisa, criatividade, concretitude e loginvenção.

Para que se possa chegar a uma leitura crítica dos seus poemas, é preciso preencher essa leitura com os conceitos dados pela Lingüística

Estrutural. Ler, por exemplo, a palavra "passariínho", no poema MARCHA PARA O JUMENTO PASSARINHO, é nos reportarmos ao postulado saussureano: "Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem os outros termos coordenados cuja soma é indefinida".

O poema incorpora precisos valores informacionais, ao abrir-se em uma pesquisa lingüística de grande força. Primeiro que tudo, verifique-se a sua voltagem vocabular, riqueza dos

a — *compostos por substantivação* (Passaligeiro, Passacaminho, Passadotempo);
b — *compostos por verbificação* (milpradiou, lajeslisando, despassará, aguassecou, passarinhou);
c — *afixações* (invoou, desruminado).

Mas é principalmente o hiato vocálico, em "Passariínho", que merece uma análise à parte. Porque acentua a semântica da ternura/afetividade já carregada em si pela palavra "passarinho", diminutivo de "pássaro". "Passariínho" traz todas as possibilidades fisiológicas da voz: o *tonema* (altura melódica), o *cronema* (duração da emissão) e o *estronema* (vigor articulatório). O tema está aí. O primeiro verso — "Passarinheiro" — corresponde inversamente, no plano denotativo, ao último: "passarinhou". Ou seja: o adjetivo dá a qualidade ao substantivo próprio (o nome de uma espécie animal — pássaro — nomeia outro animal de outra espécie, e daí nasce o adjetivo — "passarinheiro" e a flexão diminutiva do diminutivo: "passariínho"); o monema nuclear (Passari) serve à verbificação do verso final: "passarinhou", sugerindo a morte do jumento Passarinho. Se no plano narrativo, já víramos a antonímia de

"não bicou/milpradiou" relativa às opostas características zoonômicas/zooéticas das duas diferentes espécies animais (ave e muar), temos a antonímia metafórica entre o primeiro e o último verso:

"Passarinheiro" (vida + jumento que costuma mover a cabeça de um lado para o outro)
se opõe a
"passarinhou",

porque somente ao final, ao morrer, o jumento assume a totalidade semântica da condição do seu nome.

Um registro final levaria ao inventário de conotações

GESTÁLTICAS
a — corte/síntese de

"Passadotempo
aguassecou".

onde a seca regional, no tempo passado, é a culpada por o "Passarinho" ter deixado de passar no caminho (ter despassado);
b — paronomásia lida em uma correlação de três momentos/segmentos:

"Passaligeiro
lajeslisando
.....
não mais lageiro."

c — a pertinência do quebrado de redondilha maior, musicalidade sinteticamente demarcada como que para acompanhar o trotar alígero do animal.

LÉXICAS

§ nas vogais os
a — ditongos: "ei", "ão", "ai";
b — semiditongo: "ua";
c — monotongo: "ue";
d — dígrafo: "ou";
e — hiato: "ií", "oô".
§§ nas consoantes
a — geminação: "ss", "rr";
b — dígrafos: "ss", "nh", "rr";
c — encontros consonantais simples: "pr", "dr", "gr".

Marize Castro

Como representante da poesia viva, em permanente estágio de evolução, cito Marize Castro, que considero herdeira do legado/linguagem + emoção das poetisas anteriormente citadas, todas já falecidas. Marize publicou em 1984, em co-edição Fundação José Augusto e Clima, o livro "Marrons Crepons Marfins", onde expressa uma diversificada forma escritural, indo do poema curtinho de um só verso (V. "Take de abril") ao monitoramento narrativo projetando-se/estendendo-se de um poema a outro (V. os poemas "Disqueamizade" e "Em homenagem a um amor art-decó"). Não falta em Marize nenhuma das qualidades do dizer poético do nosso tempo. Seja a substância conteudística mais contemporânea, que é o erotismo (V. o poema "Sacralização"), seja o arquitraço mais vanguardístico, de técnica, que é o instante Poema/Processo do poema "Flashes geométricos".

Neste poema, mais que em qualquer outro, a poesia de Marize Castro é a acessibilidade de uma sensibilidade; sua visualização na página mobiliza a sensorialidade do leitor/receptor. Não que todos os leitores repitam na memória a experiência particular da sensibilidade da poetisa; e sim que cada leitor/receptor recria peculiarmente esta sensibilidade acrescendo-lhe os dados de sua própria sensibilidade, formados a partir de sua própria experiência. A inscrição do desenho do

pequeno círculo dentro da grande circunferência, denotado através do referente semiótico — o "x" —, aponta para uma traduzibilidade, cifra de um todo multissignificante, palavra, em poesia, construindo seu espaço, seu modelo especular geométrico.

No poema "Além-Mar", os finais de cada bloco estrófico de imagens

"além
mar
mor"
e
"por si
só"

localizam a funcionalidade fonética, uma fissura pulsando a vitalidade da linguagem, possibilidade de, o ainda não dito fazer brotar sucessivamente o verbo, outra palavra, ortocomplementaridade matemática, segundo a *estrutura ortocomplementar de Dedekind*, que propõe, para cada um dos elementos X a existência de um X'.

Lendo segundo os ortocomplementos de Dedekind a abertura do novo poema trazida pela poesia de Mallarmé e Lautréamont, Julia Kristeva escreveu: "Uma outra cena se abre, assim, no texto cultural de nossa civilização, a partir deste 'novo' introduzido pela escritura de Mallarmé, de Lautréamont etc. A cena *vazia* ('superfície vacante'), distante daquela em que falamos enquanto *sujeitos* lógicos; uma 'outra cena' onde é produzida essa junção de significantes ('choque sucessivo'), que escapa às categorias de lógica bivalente ('sideralmente'), mas que, vista a partir da cena do discurso, acrescenta-se a suas leis lógicas e, como tentamos representá-la pela estrutura ortocomplementar, não deixa de dar um resultado que a sociedade se intercomunica, permuta ('um cálculo total'); como uma representação de um processo e produção inobservável ('um cálculo total em formação')" (V. o livro "Introdução à Semanálise").

Este "cálculo total em formação" encontra o nível ideal de ajustamento de emoção abstrata com materialização representada no instante do poema "Sob os cedros", que é pura visualização:

"Sem ironias
sacio
meus navios
em pleno mar"

Note-se que o silêncio da página em branco, sulcado significacionalmente após a palavra "sacio", refrata a enucleação progressiva da complementação oracional "meus navios", pontuando assim, de maneira exemplar, a estratégia simbólica dos intervalos gráficos. A poetisa susta o discurso, mergulha no estado de serenidade auto-referente e encontra o valor terminal, de onde a dialética pensamento — cognição sentimento e vontade — conação conjuga sentimento do ser vivo ("saciar") à imagem libertária que seres não vivos, apenas mecânicos (navios), podem também acarretar no ambiente de fluidificação extensional vibrante, que é o mar.

Se as poetisas norte-riograndenses das novas gerações, quiserem e souberem trabalhar a palavra com a mesma intensidade de Marize Castro, levarão jeito, fatalmente, para também serem incluídas em uma seleção qualitativa da nova poesia feminina do Rio Grande do Norte. Superando inclusive a destinação conotativa do próprio nome da poetisa de "Marrons Crepons Marfins", que tem "mar" no início (lembrando todas as polissemias poéticas, de cores, de ruídos, de sensualidade acarretadas pela grande e inquieta água dos continentes) e "astro" no final (lembrando as conotações de brilho e as palpitações cósmicas dos grandes temas universais, que perpassam aliás de leve no com-sabor intuitivo da ironia em "Vacilo da retórica":

"Vacilo da retórica em
pleno cosmo. Ou
oceano?"

Anchieta Fernandes *é jornalista, crítico literário, redator de* **O Galo.**

O POEMA MONSTRUOSO
ou Is it better to live one day a lion than a hundred years a lamb? ou Do amor dito homeopático.

Eli Celso Dantas da Silveira

A Flávio Freitas e Zanoni Tadeu, pelos koans.

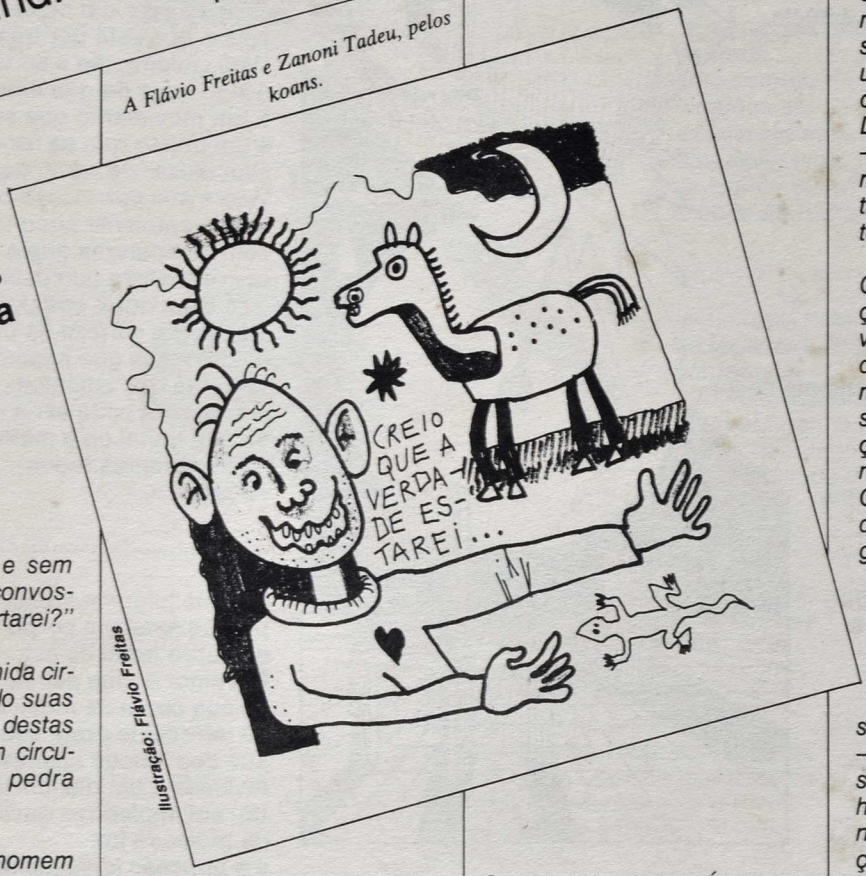


Ilustração: Flávio Freitas

"Ó geração perversa e sem fé! até quando estarei convosco? até quando vos suportarei?" Jesus Cristo.

Prólogo: A palavra indefinida circunvala a casa, lambendo suas presas. Há uma matilha destas aqui. Seus uivos formam círculos concêntricos como pedra lançada no lago.

Cena 01, take 08: Um homem traz dois cães pequineses. Um de Pequim, que ladra em chinês, outro de San Jose de Flores. O homem insiste que são diferentes. Mas não são. O mesmo homem e mesma cena. Dois cães de duas raças distintas. Ele agora garante que são diferentes. Mas não são: a palavra definida vela lambendo suas presas. Aproxima-se a persona do Herói, oca de tudo, como gesso vazio: — Mostre-me uma coisa que seja diferente de outra!

Cena 05, take 04: Um velho pesca protegido por guarda-chuva. Talvez seja, crescendo a seu lado, a muito infinita escada de Jacó, enrodilhando-se como uma serpente para o sótão. O velho usa Ourobouros como isca. Aproxima-se a figura do Herói, oca de tudo, suas asinhas ressequidas se desfazendo numa réstia aérea de pó. Dois elfozinhos xifópagos abraçados que nem nicos, no seu dorso, gritam: — Ei, velho, quem é o irmão mais derradeiro desses peixes?

Cena (- 13), take 01: É um sábado. Buda arrota após o almoço. Só um discípulo entende sua mensagem. Funda uma escola.

44 de Abril de 2000, 476 476 476. Stephen diante do espelho refaz sua barba. Em volta de sua casa as palavras indefinidas uivam. Uma vovó embala cantigas de ninar, acondiciona para longas viagens, metáforas dissecadas. Quatro cachorros idênticos repousam de seu amor. O Herói e o velho entram em casa: pás e enxadas; sopa de nabos. Agora sim, estamos sós, ainda não.

45 de Abril: Lá fora os olhos de fogo das palavras indescritivas. Suas línguas bífidas babando feito quiabo. Vovó toma do bacamarte e mira bem no lombo duma redundância que salva-se encoberta por uma elipse. Os cães ladram em diferentes idiomas. Stephen corta o rosto e desiste de seus projetos. Belisca um docinho, passa por vovó e dá-lhe uma palmada no traseiro. Diz: — Puxa, vovó, por pouco! — No pé da mesa os elfozinhos riem. Velho e o Herói, ocos de tudo, observam o peixe chicotear sobre a mesa.

Cena 31, take 17: A reencarnação do peixe como o velho e de vovó como Buda, o homem da cena 01 e o guarda-chuva, simultaneamente, não modificou substancialmente certas edições sixpenny do futuro: novas nuances, estão na mesma casa. Os elfos regurgitando nabos desde a eternidade, são figuras grotescas presas ao pé da mesa, monologando sobre o amor: — Então a palavra entrou em casa, disfarçada na bruxa de outra história e deu-nos (xifópagos) nabos. Vovó, na sua encarnação nº 46,7, preparava a sopa. Lembro falarmos sobre a sublimidade do amor. De como o amor é perfeito. De como o amor vem de Deus, mendigo imenso desse amor. De como fez desgraças em nossa vida (xifópagos). De sua incompreensibilidade etc.

Epílogo: Os pequenos e adoráveis elfos muito falaram sobre esse tema sublime. Ah, amor sublime, como és monstruoso chicoteando sobre a mesa.

Os quatro cachorros reencarnam como a sopa de nabos.

FRAGMENTOS PARA UM POEMA DESCONEXO

Luiz Rabelo

Ilustração de Emanoel Amaral

Deslizo pelo silêncio
como um réptil de vidro
como uma flecha de fogo
precisa e concisa em sua astúcia
de letal equilíbrio.
As pétalas se cerram
ante a visão da vertigem
inimaginável.
Golfos do Grito
se espraiam no meu corpo
e frustram
a minha ânsia
sem memória
sem azul.

.....

De repente a saudade enche-me de luz
e vejo que a tristeza
sua filha
é um sentimento
que tem raízes subliminares.

.....

Meu cérebro torna-se neutro
pauta branca impenetrável
inexistente
desde o passado.
Como um túmulo.

.....

Brumas, onde a Verdade?...
E respondem-me as brumas:
— Sou a única verdade...

.....

Como posso pensar
e ver a luz e ouvir o som
e gesticular meus braços
e comover-me
e chorar minha lágrima?
Tudo isto me pergunto
e nenhuma realidade palpável
ou nenhuma ilusão
ou nenhuma emoção
dá-me a certeza do sim
ou do não.

.....

Não se costura o que é vário
e desconexo.
Se as estrelas formassem um só bloco
circunferência ou não
existiria talvez uma época
uma eternidade
de vida.

.....

Minha sombra derrama-se dentro de mim
e lava o meu coração
e enche-o de vastos domínios
imponderáveis
além de todos os cais
de todos os ocasos
de todos os litorais
perdidos em relâmpagos
súbitos de lágrimas
e soluços.

.....

Quando sinto um sentimento dentro de mim
sinto o que está por trás do sentimento
a alma do sentimento.
Quando vejo um objeto qualquer
vejo o que está por trás do objeto.
Uma cadeira não é só uma cadeira
é algo mais do que uma cadeira.
É um movimento que se faz outro movimento
é um objeto que se faz outro objeto
sem deixar de continuar a ser uma cadeira.
Vejo a sua correlação com o mundo
com o ambiente circundante
com as criaturas que a cercam
com a tristeza que dela se escapa
e com a alegria possível que se lhe desprende
e nos dá a certeza da presença de algo
da presença que julgamos invisível
de seres que amamos.
E a cadeira pode ser a minha amada
ou o meu pai ou a minha mãe.
meus parentes todos
eu próprio.

.....

Não me julguem louco
porque amei um corpo feito de céu
de sopro irreal de estrelas.
E o amor é uma estrela
na sua coroa de música
de latescente prata sobre onix.
Lua dos loucos apenas aos meus olhos
revelada e um dia morta.
Um sol impiedoso queimou o seu ápice
de prateada luz
e a princesa ideal esfumou-se para sempre
no seu halo tão irreal como o meu sonho.

.....

Uma lápide constrói o meu destino
irreversível de mágoa antiga.
Brancura de cal revestiu minha vida
que entretanto se fez negra
e permanece intocável
à doçura de todos os céus.

.....

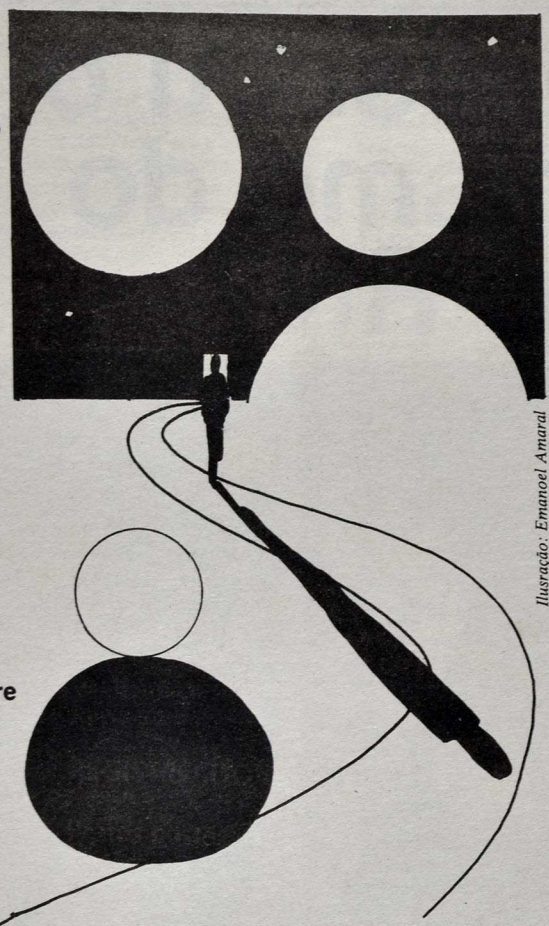


Ilustração: Emanoel Amaral

Caminhei com os pés da noite
com a sombra da noite
e construí o meu poema desconexo
no momento mais sem nexo
mais sem grito
eu aflito
dono do meu mito.

.....

Caminhar. Caminhar até cansar.
Não há chegar.
Só há o não mar
e um navegar nunca preciso
que não realizo.
Caminhar indeciso
tatear
talvez desandar.

.....

Volto os meus olhos para o fogo
e dentro do fogo vejo a alma da luz
num mesmo tempo em que se morre
e se renasce
e se tem a mesma face
de mil fragmentos desencontrados
de dédalos doridos e doídos
de disfarces.
Disfarces.

.....

Toda idéia é aproveitável
mesmo trêmula e desajeitada
mesmo titubeante como uma criança inocente
mesmo tateante como um cego.
Toda idéia é um lugar e uma luz
plena de relâmpagos.
Pensar é ser dono de relâmpagos.

.....

Cheia de luzes ao dilúculo
vive a Natureza até o crepúsculo.
De permeio respira segredos
de vida e morte
de leito e túmulo
de amor e ódio.
E não sabe se viveu em vão.
Se construiu seus ninhos
árvores longas
mares loucos
céus negros
sombras
sons.
Que a Natureza é uma sombra cega
e não sabe se viveu em vão.
Nem sequer reconhece o seu chão.
Penetra-a o homem um dia em pó
nos seus gonzos antigos
de eternidade
e solidão.

.....

E ambos são solitários
Natureza e homem
e um retorna ao outro
e um pertence ao outro
e ambos são um
indissolúveis
inseparáveis
como a sombra ao corpo
o espelho à imagem.

.....

Terei um dia meu pórtico
delubro
cujo sentido não descubro
mas que sei ser um estar permanente
um desejo mais que desejar
uma certeza de nunca parar
de brilhar em minha mente.
E eu indiferente.

.....

Meu corpo habitado de casas
de repente torna-se um navio
naufragado
num mar espraiado
em praia nenhuma
de nenhum lado.
Ser não sendo é o meu fado.

.....

Os dias são curtos e as noites são longas
e dentro da noite sou uma sombra
onde se perde o meu som
minha identidade
tão fácil como uma flor
tão breve como um amor
dentro da noite cheia de sombras.
Uma esponja bebe os meus lábios
esquece o meu nome
apaga a minha estrada
feita de nada.

.....

Sou a água e a terra e o vento.
O vento leva o meu nome
a água bebe o meu corpo
a terra sepulta o meu sonho
e sinto que tudo é vão
e vejo que sou a sombra
de um destino esquecido entre sombras
e morta solidão.

Natal, 06/08/988.

Luiz Rabelo *é poeta e trovador. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.*

Quem beliscou o conformismo do teatro no RN?

Anchieta Fernandes

Ivanisio Ramos

Marcos Bulhões e Chico Villa em "Quem Beliscou Paulinho".

A Stabanada Companhia de Repertório, grupo de teatro natalense super-vitorioso em nível nacional, foi indicado para o Festival Internacional de Portugal, "coisa da maior importância, o intercâmbio do nosso teatro com o que se faz pelo mundo", diz Chico Villa, um dos atores do grupo, em uma prosa descontraída com este Redator, numa das salas da Fundação José Augusto. Da entrevista participou também outro ator do grupo, Marcos Bulhões. Stabanada é o novo rumo de uma companhia de teatro que nasceu em 1982 com o nome Esquina Colorida, revolucionando o Festival de Artes de Natal no Forte dos Reis Magos com a peça de mesmo título (Esquina Colorida). A 27 de março do ano passado, a equipe, em uma nova dinâmica, mudou o título para Stabanada Companhia de Repertório, e alcançou sucesso inesperado com a peça "Quem Beliscou Paulinho?", super-arrebatadora de prêmios. Mas o que é mesmo que quer dizer "Stabanada", gente? No Dicionário, "estabanado" quer dizer: doidivanas, de maneiras precipitadas, desassossegado, adoidado, imprudente, desajeitado, pancada. "Estabanado" — diz Chico Villa —, "é o menino que quebra tudo em que toca. Por isso colocamos este nome, pois, por nossas características, somos o menino estabanado do teatro natalense pelo sentido irreverente, lúdico, principalmente pelo quebrar todo tipo de barreira e preconceito, no fazer teatro e na ação em sociedade". O Stabanada já recebeu 19 prêmios, todos em festivais nacionais, valendo destacar a temporada de outubro do ano passado, quando recebeu no Festival Tropeiro de Teatro, de Sorocaba (SP), os prêmios de Segundo Melhor Espetáculo, de Melhor Ator Coadjuvante (para João Marcelino) e de Melhor Maquiagem. No 2º Festival da USF, em Bragança Paulista, a companhia Stabanada recebeu 7 prêmios: Melhor Espetáculo, Melhor Direção, Melhor Ator (simultaneamente dois prêmios: um para Chico Villa e outro para Marcos Bulhões) e Melhor Sonoplastia. O grupo participou ainda do Projeto Mambembão (que escolhe os melhores espetáculos fora do eixo Rio/São Paulo) no Teatro Maria Della Costa (em SP) e Teatro Glauce Rocha (RJ). A importância da projeção nacional deste grupo de teatro natalense acarreta inclusive uma desmistificação da imagem estereotipada que os meios intelectuais e políticos formam a respeito do Nordeste. Marcos Bulhões afirma: "A gente perde muito tempo

em se preocupar com este preconceito. O nosso espetáculo é uma brincadeira com uma série de valores estereotipados universais. Esta brincadeira é a melhor forma de se dissolver todas estas formas de estereótipos, inclusive os que são alimentados e realimentados quanto ao Nordeste". Quanto ao que tem resultado de positivo para os da Stabanada tantas apresentações fora do Estado, Chico Villa explica: "É verdadeiramente o Teatro como deve ser feito, itinerante, pois o viajar tem um certo carisma cultural, em primeiro plano o carisma do compromisso geral com a diversidade de públicos. Para a Stabanada foi de muita experiência, por exemplo, representar em São Paulo para dois tipos de público: o do interior e o da capita. Então o espetáculo variou, em forma de pesquisa, visando ora atender platéias que aplaudem de pé, ora platéias frias". Por falar em variar, diversificar, dá para sentir a diferença do teatro que Stabanada faz em relação ao teatro de arena que se fazia no Brasil antes do golpe de 64. "Quem Beliscou Paulinho" é um espetáculo político desde o momento em que fez evoluir a linguagem. Trata de um drama do ser humano, conflitos de uma criança, é psicológico, existencial, mas sob o prisma da sátira e da renovação de linguagem, trazendo outros elementos, ultrapassando a crítica social direta como se fazia na década 60. Marcos Bulhões: "Na década 60, havia necessidade daquele tipo de teatro. Hoje, a situação a nível de Brasil é um pouco diferente. Mas não quero dizer que houve uma abertura total. Oficialmente, por exemplo, ainda não ficou claro, na prática, a definição quanto ao problema da Censura. Extra-oficialmente, ainda existe Censura. A Polícia Federal está atuando. Falta existir nas próprias companhias um Departamento de Supervisão que defina as faixas etárias. Realmente, só não existe censura em país democrático, e o Brasil não é um país democrático". Pegando a deixa, indaguei sobre o teatro infantil de Jesiel Figueiredo. Inicialmente, Chico Villa, explicando que era um posicionamento individual dele, e não da companhia Stabanada, opinou: "Enquanto espectador, acho que o teatro infantil de Jesiel Figueiredo necessita uma reciclagem de linguagem. Porque a própria criança está cansada de ver uma linguagem infantil. Ela quer ver agora uma linguagem infanto-juvenil". Marcos Bulhões: "A criança é o ser mais vivo da face da terra. Ninguém engana fácil uma criança. O 'Quem Beliscou Paulinho?' situa-se muito na linha de trabalho do teatro infantil que se faz atualmente no Brasil. Existe um movimento crescente, mais profundo, de teatro infantil, que já superou a preocupação de fazer teatro como conto de fadas com lição de moral, coisa conservadora, fácil. Lógico que Jesiel Figueiredo tem o mérito de levar teatro para criança há mais de 30 anos". E a nudez no palco, choca a criança? Os dois atores explicaram que já houve espetáculos para crianças com nudez de atores. Só que com bom gosto estético, um preparo plástico que a criança não teme nem repudia (o que só acontece quando a nudez é uma exploração grosseira, de baixo nível). Esta questão do nu e do vestido, realmente, é uma coisa que não preocupa a criança de imediato, principalmente a criança de hoje, acostumada a ver desfile de escola de samba pela televisão. E sobre Khomeini e a ameaça de assassinato ao escritor Salman Rushdie? Marcos Bulhões: "O teatro é um dos lugares mais livres, onde a liberdade de criação e expressão é possível. Deste ponto de vista, a religião é também um dos seus elementos. O teatro, aliás, é uma religião, que sofre seus preconceitos, mas é uma religião aberta, política. Podemos falar ou não deste escritor ameaçado de assassinato, um elemento a mais do perene estado de guerra que começou desde que existe a chamada Civilização. A humanidade necessita sempre destas notícias. A moda agora é falar sobre este escritor, mas não se fala nos outros milhões de ameaçados de morte no Brasil e em outros países (Nelson Mandella, por exemplo). É claro que existe uma ditadura islâmica que já matou muitas pessoas. Se se concretizar esta coisa de Idade Média, e o escritor for assassinado, estaremos, realmente, diante de uma opção muito forte, na constatação do que significa de profundo esta passagem de milênio que virá com o século XXI". Voltando ao trabalho do Stabanada, a crítica especializada e a imprensa tem ajudado? Chico Villa: "Em São Paulo, houve a cobrança da crítica por não ser o nosso um trabalho de características regionalistas. Mas houve leituras positivas da crítica nos jornais. E estivemos na capa dos jornais 'Última Hora', do Rio de Janeiro, e 'O Cruzeiro do Sul', de Sorocaba. Coisa que jornal em Natal não faz: colocar o teatro ou qualquer outro tipo de arte como foto de primeira página, preferindo antes colocar foto de político, ou de algum marginal que venha se celebrizando. Mesmo assim, a imprensa, de certa forma, ajuda um pouco, não esquecendo de registrar nas páginas internas. A repercussão nacional do 'Quem Beliscou Paulinho?' está ajudando. Mas o que acontece muito em Natal é tipo foguete. Quando ocorreu o sucesso de 'Quem Beliscou Paulinho?', a imprensa festejou. Mas o importante é se continuar o processo, falar-se sempre da peça ou de outras peças de teatro que estejam sendo apresentadas na cidade. Necessitar-se-ia de um crítico especializado em teatro, na imprensa local, como também necessitar-se-ia de críticos especializados em cinema, artes plásticas, literatura etc. E os empresários também ainda não perceberam o valor do investimento em Arte, não no sentido quase religioso, mas sim no próprio retorno empresarial. Por que é que nenhum Shopping Center da cidade tem um palco para teatro? E a nível de futuro próximo, o que a Stabanada Companhia de Repertório promete? Além de uma temporada de 2 meses em Natal, estuda-se um trabalho-solo, com Chico Villa, que é uma nova leitura sobre o imperador romano Calígula, e estudos-leituras de textos teatrais de Samuel Beckett. Mas a Stabanada precisa de apoio, de patrocínio. Senhores empresários, manifestem-se.

João Marcelino como Yohanna Marcella na peça "Quem Beliscou Paulinho"

Anchieta Fernandes é jornalista, redator de *O Galo*.

Decifra-me ou te devoro

Genival Rabelo

Arquivo

AMAZÔNIA

No livro "Ocupação da Amazônia", escrito em agosto de 1967 e publicado em junho de 1968 (Edições Gernasa), uso a ameaça mitológica da Esfinge — "Decifra-me ou te devoro" — para dramatizar a necessidade de um planejamento ideológico estatal com vistas à exploração racional, em proveito dos brasileiros e, por extensão, do mundo, das inumeráveis riquezas minerais, madeireiras e outras da imensa planície molhada. Defendo a tese de que, a partir da II Grande Guerra, dois fatores se tornaram essenciais à afirmação nacional: grandeza territorial é população elevada. Contam-se nos dedos de uma só mão, os países que reúnem esses dois fatores básicos. São eles: União Soviética, China, Estados Unidos e Brasil. O Canadá dispõe de grandeza territorial, mas não de população elevada. A Índia, pelo contrário, possui a segunda mais numerosa população do mundo, mais os 3 milhões de km^2 do seu território apresentam grande porção improdutiva ocupada pela Cordilheira do Himalaia, da qual se destaca o Everest, o mais alto pico do mundo. Não tem o desenvolvimento industrial do Japão ou dos países europeus para compensar, com a concentração urbana, o excesso de pressão do homem sobre a terra. Daí as grandes correntes migratórias da Índia para a África com perspectiva de procurarem outras áreas, como a Amazônia. Impressionado com essa eventual tendência, o professor Artur Cezar Ferreira Reis escreveu, em 1960, "A Amazônia e a Cobiça Internacional", livro reeditado em 1967, com grande sucesso e repercussão nacional. Historiador, Ferreira Reis fez o mapeamento das incursões e aventuras do homem branco através da Amazônia e não deixou de advertir para o perigo de uma ofensiva orquestrada pelos países desenvolvidos para internacionalização do que já à época se considerava eufemisticamente o "pulmão do mundo". Uma década antes, Artur Bernardes, numa campanha obstinada na Câmara dos Deputados em favor da integridade do território nacional, havia feito abortar o projeto internacionalizante da Hiléia Amazônica. E precisamente na altura de 1966 os americanos voltaram ao tema, com a idéia da construção de sete lagos que viriam facilitar a ligação Pacífico-Atlântico, com a abertura de um imenso canal através da Colômbia. Parti desses fatos para advertir que sem a Amazônia perderíamos um dos fatores básicos de afirmação nacional — a grandeza territorial, ao mesmo tempo que assinalava que a intensificação da campanha do controle de natalidade, patrocinada pela Bemfam — entidade dirigida desde Washington —, fazia parte de malévolas intenções de conquista da maior bacia hidrográfica do mundo. Na orelha do meu livro, Clovis Ferro Costa observa que não é à toa que desde o início dos anos 60 havia um satélite a serviço de Washington coletando informações sobre as riquezas de solo e subsolo ao longo da linha do Equador. Com base nisso, Ferro Costa afirmava que os americanos conheciam melhor a Amazônia do que nós, brasileiros. Em 1968, o deputado federal Haroldo Velloso, do Pará, denunciou a existência de um cinturão de contrabandistas estrangeiros, que ia de Belém a Cuiabá, com uso regular de jatinhos que desciam e subiam em campos clandestinos abertos na floresta. Autoridades e povo se sensibilizaram com a seqüência de denúncias sobre a cobiça estrangeira da Amazônia e, de lá para cá, conquanto não se tenha podido fazer tudo o que se devia, fez-se muito do que era possível. Agora, as pressões recrudecem, a ponto de atingir às raias do ridículo. Não é compreensível, por exemplo, que o presidente dos Estados Unidos recomende ao governo do Japão que não financie a rodovia ligando o Acre a Callao, porto do Pacífico, no Peru. É uma intervenção indébita a nível internacional, a pretexto de defesa da ecologia. Não menos compreensível é que se queira sustar o projeto de construção de uma hidrelétrica, que é fator de progresso regional, a pretexto de que umas poucas centenas de índios teriam parte de suas reservas inundadas. É evidente que se deve preservar a cultura indígena e não se pode deixar de cuidar da segurança dos silvícolas cujas terras venham a ser inundadas. Por sinal, no particular, a história pátria, com a memorável figura de Cândido Mariano da Silva Rondon à frente, não pode nem de longe ser comparada com o genocídio organizado que os pioneiros praticaram na célebre marcha para o Oeste, nos Estados Unidos. Não que não tenhamos também cometido pecados. Mas é pelo menos curioso que os belicosos povos do Hemisfério Norte, que vivem em regime de guerra há pelo menos 50 mil anos, se arvorem da noite para o dia em defensores de princípios humanitários em territórios que não lhes pertencem. É consensual a posição do governo e do povo brasileiro a respeito: que eles se ocupem dos problemas ecológicos que criaram no Hemisfério Norte, que dos nossos cuidaremos nós. Ou, pelo menos, eliminem o fantástico arsenal atômico para adquirir o direito de falar no assunto de preservação do ser humano. De qualquer forma, continua atual o desafio mitológico do "Decifra-me ou te devoro", isto é, ou o Brasil ocupa efetivamente a Amazônia, ou perde um dos fatores sine qua non de afirmação nacional.

***Genival Rabelo** é jornalista e escritor.*

LIVROS E AUTORES

Jaime Hipólito Dantas

"O Comércio das Palavras"

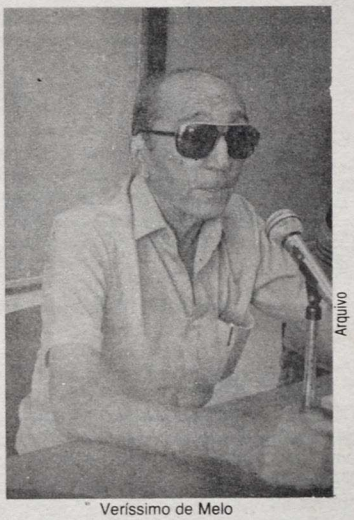
Américo de Oliveira Costa é um leitor obsessivo, o que é raro em intelectuais desta capital. Tem uma biblioteca abundante, que não pára de crescer e onde há de tudo. Ele já leu tudo aquilo? Quem viu o seu "A Biblioteca e seus Habitantes" tem que admitir que sim. A originalidade da obra foi atestada pelos escritores do sul, e suas opiniões, entusiastas, cá estão expostas nas orelhas deste "O Comércio das Palavras", o novo livro de Américo (os intelectuais daqui, exceto Luís da Câmara Cascudo, pelo visto silenciaram, o que pode ser indício de que autor potiguar não escreve sobre autor potiguar). Não há de ser nada. Em suma o sucesso editorial de "A Biblioteca e seus Habitantes" foi tal que mestre Américo de Oliveira Costa não hesitou em repetir a dose. E com possibilidades de igual êxito. É bem de ver que este "O Comércio das Palavras" é praticamente uma continuação do outro, e não há mal nisto. Américo faz sua confissão de Jean Cocteau: "Eu salto de galho em galho, mas continuo na mesma árvore". E segue (e seguirá) em frente, podendo ir ainda muito adiante. Pelo menos é bem evidente que subsídios não lhe faltarão. Vale a pena percorrer, comparar, examinar e reexaminar tais anotações. No mínimo elas valem como um guia dentro dum universo que é cada vez mais vasto, o universo das palavras. No seu novo livro, Américo de Oliveira Costa volta ao convívio dos autores, estrangeiros quase sempre, da sua predileção, mas desta vez teve a preocupação de dar uma colher de chá a autores potiguares, mostrando-nos também o valor que têm. Fica-se sabendo, por exemplo, que um Aurélio Pinheiro, romancista nascido em São José de Mipibu, arrancou para seus livros elogios até de Agripino Grieco. Que Otacílio Alecrim, um ceará-mirinense versado em direito e em Marcel Proust, tinha as simpatias (e admiração) dum Álvaro Lins. Américo de Oliveira Costa destaca, claro, Luís da Câmara Cascudo e também Edgard Barbosa, e se detém um pouco em Nísia Floresta Brasileira Augusta, que, não tendo sido grande coisa como escritora, em compensação trocou cartas com Augusto Comte, e tinha um nome poético. Um decassílabo. Mas este "O Comércio das Palavras", não obstante de igual valia em conteúdo, saiu talvez menos elaborado do que "A Biblioteca e seus Habitantes". Por exemplo não se tratou, como no outro, de sistematizar o texto, com cada ordem de assuntos alinhada em capítulo próprio, nem de dar ao volume um índice onomástico. E "O Comércio das Palavras" perde ainda em revisão, da qual bem que se descuidaram seus editores. Cariocas, por sinal.

"From the USA"

Os americanos podem não considerar John Updike um grande escritor. O brasileiro Paulo Francis acha-o o máximo. Diz que ele, com 57 anos, permanece escrevendo o fino. Pacientemente, sofre de mazelas como enfisema, hemorróidas, psoríase, pressão alta e asma. É o próprio Updike que conta esses males, no livro "Self-Conciousness" (consciência de si próprio), que acaba de publicar. O público brasileiro o conhece de sucessos passados, mas ignoro se o admira. Paulo Francis também o aponta como um dos grandes críticos literários que o mundo possui hoje. Colabora no "New York" com resenhas fenomenais sobre livros e autores. Uma vez por mês. O seu "Self-Conciousness" pode não tardar a sair no Brasil. John Updike vale a pena.

DISCURSOS ACADÊMICOS

Vingt-un Rosado republica, em edição já deste 1989, o discurso de posse de Oto Guerra na Academia Norte-Riograndense de Letras, em setembro de 1949. O volume traz ainda a saudação ao novo acadêmico proferida por Hélio Galvão, que diz: "Detentor de sólida cultura humanística, não vos refugiais no quadrilátero silencioso do gabinete, trancado e impermeável às solicitações do ambiente. É que possuís o sentido cristão dos tempos, sedentos de apostolicidade, carentes de vocação missionária, e para nós católicos a cultura não é adquirida para uso próprio, egoísta e individual, mas para instrumento de apostolado, para ensino e esclarecimento das multidões". Oto Guerra ocupa na ANRL a cadeira de que é patrono o avô, Luís Gonzaga de Brito Guerra, de quem traça uma síntese biográfica rica de informações sobre o homem e sua época, que cobre quase todo o século XIX. O volume é o de número 544, série "B", da Coleção Mossoroense.



Arquivo

Veríssimo de Melo

HUMOR

Veríssimo de Melo publica agora o seu "Dicionário de Espírito e Humor dos Velhos Amigos". Reúne ditos, tiradas, repentes de autores que vão de Bernard Shaw, Jorge Luís Borges e Ortega y Gasset, ao poeta popular João Fonseca, de Açu, e Gueguel, de 4 anos, neto de Veríssimo de Melo. O volume tem formato (não devia) de catálogo e não de livro, e no prefácio o poeta Diógenes da Cunha Lima antecipa: "Veríssimo é forte candidato a meu biografado". Modesto, o mesmo Veríssimo de Melo sugere-nos: "Enfim, um bom livro — porque, de minha autoria, além do título, quase não há coisa nenhuma". Ressalva, porém: "Do autor há pacientes anotações de coisas ouvidas na rua e recolta de fragmentos de livros". Ora, meu caro Veríssimo, valeu.

NOVELAS

As novelas reunidas em "O Galope do Cavalo na Noite", de Eulício Farias, não sei se ainda se encontram disponíveis nas livrarias. Podem ter-se esgotado. Saíram no finzinho de 1988, em dezembro. Li todinho o volume em janeiro, sob o sol da praia de Tibau, e saí cada vez mais convencido do potencial do nosso Eulício como ficcionista. Tenho a impressão de que neste seu novo livro está a essência de toda a arte narrativa de Eulício Farias de Lacerda: um misto de frases curtas e longas que se alternam animadas por um senso bastante explícito de humor e sátira. As estórias reunidas neste "O Galope do Cavalo na Noite" parecem calcadas em enredos verossímeis cujos figurantes chegamos a ter a sensação de conhecê-los em pessoa. É o caso de Joana Cega e de Miriam, da novela que dá título ao volume, ou de Geraldo em "O Primeiro Amor de Menino". Eulício Farias, professor de literatura, sente-se à vontade na urdidura de todos estes textos. Sabe tudo, e aí tudo pôde fazer para tornar fluentes, aliciantes, estas novelas (ou contos), nas quais é quase impossível detectar um deslize.

ANTOLOGIA

"You go to my head, repete Chet Baker em meio à névoa do sono, que, mal desperto, ameaça me afundar novamente num torpor sem retorno. O álcool e a droga têm a santificada qualidade de me atirar para fora do corpo. Depois, o acorde suave do trumpete bate nos ouvidos como uma carícia leve. As nuvens pesadas como chumbo passeiam pela janela escancarada. O medo é abstrato, não dói. Mas fica cravado como um espinho no fundo da alma. Sim, você vai para a minha cabeça". CARLOS DE SOUZA ("Crônica da Banalidade").

AL NTAOGALOCONTAOGALO

CULTURA NO INTERIOR — A prática cultural não é um privilégio ou interesse somente dos grandes centros. Nas cidades interioranas também se produz Cultura. Faremos, portanto, um registro do que está existindo, em termos de dinâmica cultural, em algumas cidades do interior do RN:

a) em Macaíba, a Associação de Teatro Macaibense — ASTMA, renovou sua diretoria a 12 de fevereiro, passando Josivaldo Tavares à direção em substituição a Juscio de Oliveira. Com exposição de fotos e performances, a ASTMA se prepara para participar de uma mostra em Currais Novos.

Está previsto para o mês de maio o 1º Festival da Canção Macaibense.

A Associação de Poetas e Escritores de Macaíba — ASPEM, que tem como Presidente o jovem Valdecir Moreno, entregou à Prefeitura Municipal, via Secretaria de Cultura, o projeto "Poesia na Escola", que objetiva ganhar um espaço digno para serem desenvolvidos trabalhos poéticos.

b) outro município onde está se desenvolvendo grande atividade cultural é Touros. Desde o ano passado contando com um órgão jornalístico incentivador de atividades culturais, a "Folha de Touros", atividades artísticas, pesquisas, eventos diversos no setor tem ali acontecido.

A 30 de janeiro, foi inaugurada a Fundação José Porto Filho, tendo no mesmo dia se iniciado a II Semana da Cultura de Touros, que promoveu shows, teatro de rua, gincanas, concursos etc. Para os eventos do 154º aniversário da fundação da cidade de Touros, em 27 de março, a Fundação José Porto Filho, presidida pelo jornalista Roberto Patriota, organizando várias promoções, dentre elas um Concurso de Poesia Ferreira Itajubá.

c) o município de São Gonçalo, pertencente à Grande Natal, também não para em suas atividades culturais. Agora mesmo está também com um órgão jornalístico incentivador da Cultura, "O Potengi", editado e redigido por Paulo Sergio (Locha).

Em São Gonçalo, existe o Grupo de Teatro Amador de São Gonçalo — TESGA, que a 24 de abril encenará na quadra de esportes da cidade a tradicional Paixão de Cristo.

Ferreira Itajubá

CORREIO BRAZILIENSE

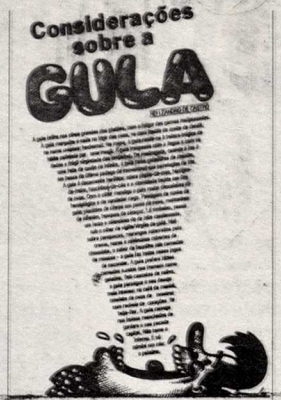
DOIS

BRASÍLIA, TERÇA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1989

A subversão cultural dos nanicos dos anos 80

☐ Acabou a era dos jornais alternativos antigoverno e marcadamente de esquerda. Os nanicos dos anos 80 são democráticos, falam de cultura e têm apoio do... governo

Marcel Souto Mayor



Nicolau
"Nova vitalidade" e homenagem aos imigrantes poloneses

Galo
Para despertar quem adormeceu por excesso de ócio

Caderno Dois do jornal "Correio Brasiliense"

GALO & CORREIO — O Caderno DOIS, do jornal "Correio Braziliense", de Brasília, no dia 28 de fevereiro, em uma reportagem de Marcel Souto Mayor sobre os jornais nanicos e sua subversão cultural nos anos 80, dedica-se principalmente a registrar com entusiasmo a presença de dois jornais culturais atuais no contexto brasileiro: o "Nicolau", do Paraná, e este "O Galo". Sentimo-nos gratamente homenageados desde a primeira página do referido nº do "Correio Braziliense", quando, ao chamar a atenção para a matéria do Caderno DOIS, a ilustração é a nossa capa de julho do ano passado (nº 05). Referindo-se a "O Galo", diz Marcel Souto Mayor: "Enquanto isto, em Natal, a Fundação José Augusto (a "Secretaria de Cultura" da cidade) patrocina **O Galo**, lançado em março de 88. A editora, Marize Castro, faz questão de revelar o modelo que a inspira: **Nicolau**. Mas existem algumas diferenças essenciais entre a publicação paranaense e a norte-riograndense.

Uma delas é a tiragem: **O Galo** tem 10 mil exemplares. Outra, é a circulação: 1500 unidades são encartadas num único jornal, o **Diário Oficial**; e as 8.500 restantes são distribuídas em sebos, livrarias, secretarias de cultura. Com menos recursos do que seu colega em Curitiba, Marize tenta cumprir o compromisso assumido no editorial de estréia: despertar, através de **O Galo**, aqueles que 'adormeceram por excesso de ócio, ou devido ao cansaço causado pela mediocridade que ronda certos terreiros das artes neste estado'.

O jornal é fiel a dois valores defendidos no **Nicolau**: a autonomia editorial e o regionalismo. E, enquanto divulga poetas, artistas plásticos, fotógrafos da região, ele encontra sua identidade. Na edição de novembro, um antropólogo carioca (!), Raul Lody, assina um ensaio sobre a conotação nordestina da palavra 'cabra'. E escreve: 'Genericamente, o cabra é alcunha do trabalhador, homem forte'. Nas três páginas seguintes, o 'poeta popular' Sá, de João Pessoa, saúda o tablóide com versos para serem recitados com sotaque.

Nicolau e O Galo priorizam a temática local e tornam-se, assim, no mínimo curiosos quando comparados com veículos de comunicação convencionais voltados para assuntos do 'Brasil' e do Mundo'."

OFICINAS DE CRIATIVIDADE — Fundação José Augusto promovendo, no período de 20 a 22 de março, com apoio da FEBEM, o Encontro "FAZENDO ARTE — OFICINAS DE CRIATIVIDADE". Com esta iniciativa, pretende-se estimular a troca de experiências em Arte-Educação. Como participantes, a equipe de animadores da Escolinha de Arte Cândido Portinari, os Orientadores da FEBEM, Arte-Educadores, Artistas Plásticos e Cênicos, Professores e pessoas de áreas afins.

Deverão ser realizadas Oficinas de Criatividade em Artes Plásticas, Artes Cênicas e Arte Postal. O Encontro será orientado por Jomard Muniz de Britto, professor de Artes das Universidades da Paraíba e Pernambuco, e terá Oficinas ministradas por Zélito de Oliveira Passavante (Arte Plásticas), João Denys Araújo Leite (Artes Cênicas) e Rinaldo José da Silva (Arte Postal).

Como se vê, uma boa oportunidade oferecida pela Fundação José Augusto aos que quiserem ficar informados sobre estas áreas específicas da criatividade humana.

REVISTAS CIRCULANDO — A "Revista da Academia de Letras da Bahia" chegou ao nº 35, relativo a setembro/1988, trazendo dentre outros trabalhos importantes um ensaio de José Calasans, esclarecendo/desmentindo um suposto crime de morte que teria sido praticado pelo famoso carismático dos sertanejos, Antônio Conselheiro.

Também da Bahia, nos chega mais um nº da revista "Exu", da Fundação Casa de Jorge Amado, desta vez o nº 6, trazendo o encarte de um belíssimo óleo sobre tela de Carlos Bastos.

Em Santos, SP, Antônio Canuto e Valdir Alvarenga editam a revista "Mirante", que divulga Poesia, chegando ao nº 16.

Foi lançado na União Brasileira de Escritores/SP o nº 3 da revista "Artaud'Art", que tem apoio do DCE-USP, e é um novo espaço alternativo de articulação e trânsito de artes e idéias.

A Nordestal Editora, de Recife, prometendo lançar agora em março a revista "Historias Brasileiras", objetivando a permanente divulgação e promoção do Conto produzido em nosso País.

ARTAUD'ART

ONTAOGALOCONTAOGALOCONT

GALERIA DE ARTE — Na Galeria de Arte da Biblioteca Pública "Câmara Cascudo", estão programados os seguintes eventos:

De 17 de março a 27 de abril, Exposição Módulo Modernismo, Projeto Arte Brasileira — INAP/FUNART.

De 28 de abril a 04 de maio, exposição coletiva Corpo e Movimento, com a participação dos seguintes artistas: Carlo Soares, Oswaldo, Madé, Cristina Jácome, Luis Nazário e Newton Xavier.

De 05 a 11 de maio, exposição individual de Tânia Monte.

OUTRAS EXPOSIÇÕES

De 11 a 28 de fevereiro, a Galeria Reflexus, do Maksound Plaza, em São Paulo, SP, apresentou exposição coletiva com quadros de Paolo Maranca, Chon Kong Fang e Wilma Ramos; gravuras de Roberto Burle Marx, Lívio Abramo, Manabu Mabe e Volpi; esculturas de Calabrone e Pietrina Checcacci; cerâmicas de Mestre Tiago e Vitalino Filho; batiks de Ilsa Ilinay e Tova Cohen; jóias de Evelino Duchene e Francisca Romano; e objetos prejetados por Doley Moreno e Ricardo Seabrook.

O Departamento de Divulgação Cultural do Itamaraty vem apresentando com sucesso em vários países da América a exposição "Futbol Arte Del Brasil", com trabalhos de vários pintores brasileiros: Aldemir Martins, Paolo Maranca, Darcy Penteado, José Zaragoza, Mino Carta, Siron Franco e outros. A exposição já foi vista na Cidade do México, em Caracas, Bogotá, Quito, Lima, Santiago, Buenos Aires, Montividéu, Assunção e Suriname.

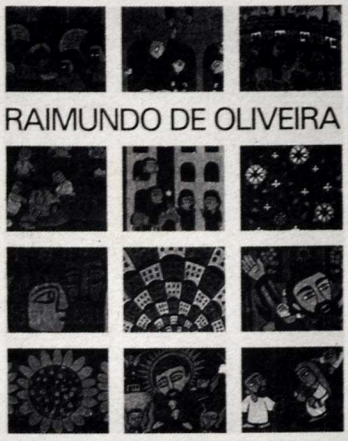
RAIMUNDO DE OLIVEIRA — Recebemos da Bahia um precioso livro/álbum sobre a vida e obra do pintor baiano Raimundo de Oliveira. O livro, que tem o título "A Via Crucis de Raimundo de Oliveira", é edição da Fundação Cultural do Estado da Bahia, da época em que era Governador daquele Estado o atual Ministro Antonio Carlos Magalhães. Apesar de já ter 7 anos de editado, o livro ainda merece, hoje, uma palavrinha de elogio e incentivo a iniciativas deste tipo, que resgatam para o contexto bibliográfico a obra de artistas plásticos tão característicos de brasilidade, como este Raimundo de Oliveira, baiano de Feira de Santana, criador de um mundo de belas imagens ligadas à religiosidade do nosso povo, em quem em 1966 suicidou-se num hotel em Salvador, pedindo perdão numa carta pelo "que eu fiz de mal neste tempo de vida que tive", e revelando o desejo de que "nunca mais suceda o que aconteceu comigo a nenhum artista brasileiro nem de lugar nenhum".

FICÇÕES — Recebemos um livro bastante criativo, "Ana Maria Pereira Franco de Castro e/ou Aninha Franco", ao mesmo tempo ficção, poesia, drama, intervenções objetivas no suporte da página. Ao mesmo tempo um livro com estilo individual, mas trabalhado coletivamente, laboratorialmente. Editora é Edições Espaço Bleff, com apoio do Banco Econômico. Mas, de qual cidade? Ou, não indicar a cidade de publicação do livro é uma inovação ao nível editorial? Da mesma maneira que a autora inova ao colocar como título do seu livro seu próprio nome?

O livro "Brindaluz", de Herbert Lago Castelo Branco, é mais linear, e claramente situado num espaço: Edições Fundo de Quintal, da Grafitec, Taguatinga, DF. Trata-se de um conto infantil, onde, através da estória de amor entre uma menina e um peixinho, são rememoradas lendas do litoral maranhense, com as reminiscências da infância passada naquele litoral, de dias de "enorme sol alaranjado" parecendo "flutuar acima do horizonte, como se não conseguisse desaparecer do Oceano Atlântico."

ENSAIOS — O Rio de Janeiro, o escritor Floro de Araújo Melo nos envia dois de seus recentes ensaios antropológicos: o livro "Estudos Sobre o Negro Brasileiro", com um leque variado de vetores de observações sobre a história do negro no Brasil, não faltando inclusive um capítulo intitulado "Estudos do Negro no Rio Grande do Norte", onde é mencionada uma tentativa de insurreição escrava em Goianinha, por volta de 1865; e "Estudo do Índio Brasileiro", levantamento sobre a história do índio brasileiro e suas características antropo-sociais; Floro aponta, às pp. 20/21 os nomes das 17 tribos mais importantes que se espalhavam no território histórico brasileiro, onde aos índios que habitavam terras de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte é dado o nome "Pitaguarés".

A Editora Cravo, do Rio de Janeiro, publicando o livro "Nossas Questões", de José Fernando Simone, onde é abordado o marketing cultural sob uma ótica diferente, relacionado com o autor-produtor independente. Perguntas que o livro pretende responder: como publicar um livro? Como torná-lo vendável? Como distribuí-lo? Como entrar nos **mass-mídia**?



MOVIMENTO TEATRAL — O tema Teatro interessou à coleção Khronos, dirigida por J. Guinsburg para a Editora Perspectiva, de São Paulo, e onde já saíram volumes sobre "A Revolução Russa de 1917" e "As Origens do Fascismo". O nº 15 é dedicado ao tema "Teatro e Sociedade: Shakespeare", onde Guy Boquet discute em seus aspectos mais candentes os "problemas na obra shakespeariana que motivaram controvérsias".

A revista "Palco", informativo do Festival Brasileiro de Teatro Amador — FBTA/88, traz em seu nº 2 importantes entrevistas: com José Antonio Rodriguéz, diretor do Grupo El Buscón, de Cuba; com o grupo de teatro chileno Ad-Mapu, constituído por índios da nação Mapuche; com o ator nicaraguense Juan Ramón, do Grupo Justo Rufino Garay, que adotou este nome em homenagem a um companheiro revolucionário que fazia teatro na rua, "como arma de educação e propaganda da revolução", e que morreu poucos dias antes da vitória da Revolução Sandinista.

O teatro norte-riograndense da novíssima geração está mostrando capacidade. Como esta peça "História da Tigresa", do italiano Dario Fo, monólogo interpretado desde a primeira vez pelo ator Carlos Alberto de Lima, ao fim de 1987, e que voltou a ser encenado, no Teatro de Bolso Vice-Versa — na rua Vigário Bartolomeu —, desde o dia 13 de março, sob a direção e cenografia de Marcelo Amorim. A temática da peça "História da Tigresa" é uma tentativa de reflexão sobre os destroços humanos numa situação de guerra. Vale destacar a interpretação de Carlos Alberto de Lima, traduzindo o **erotismo selvagem** da peça através de "signos fonogestuais" — como diz Nivaldete F. Xavier em um texto de apresentação.

POESIA — Embora contando com uma parte em prosa (os textos reunidos sob o título "Conceitos do autor sobre Arte Poética"), o livro "A Hora do Galo & Trilogia do Exílio", do poeta paraense José Ildone, é de poesia do claro dizer, encontro de boas definições e boas imagens, onde a ave inspiradora do título deste jornal, O Galo, é galos, pluralmente, que "entre galos/o canto se perpassa/e se comunga." José Ildone também nos remeteu outro de seus livros de poesia (além de poeta, Ildone é também historiador, sendo autor do livro "História da Imprensa Oficial do Pará", de 1985), intitulado "Chão D'Água".

Juntamente com o jornal poético "Flerte", de Aracati, Ce, recebemos o livro "Entressafras", poesia representativa das novas pesquisas/palavra da geração Oitenta, no caso assumida pela dupla Gustavo Luz e Leontino, com Gilvan Lopes responsável pelas xilogravuras ilustrativas e capa do livro, que é uma edição Queima-Bucha, de Mossoró, neste Estado.

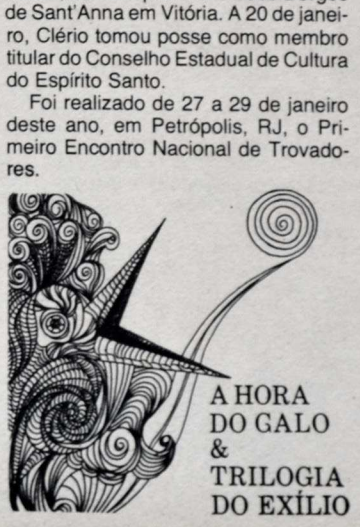
Poeta mineiro Roberto Soares remetendo-nos material exemplificativo do seu trabalho poético, inclusive o livro de poemas "AIDS".

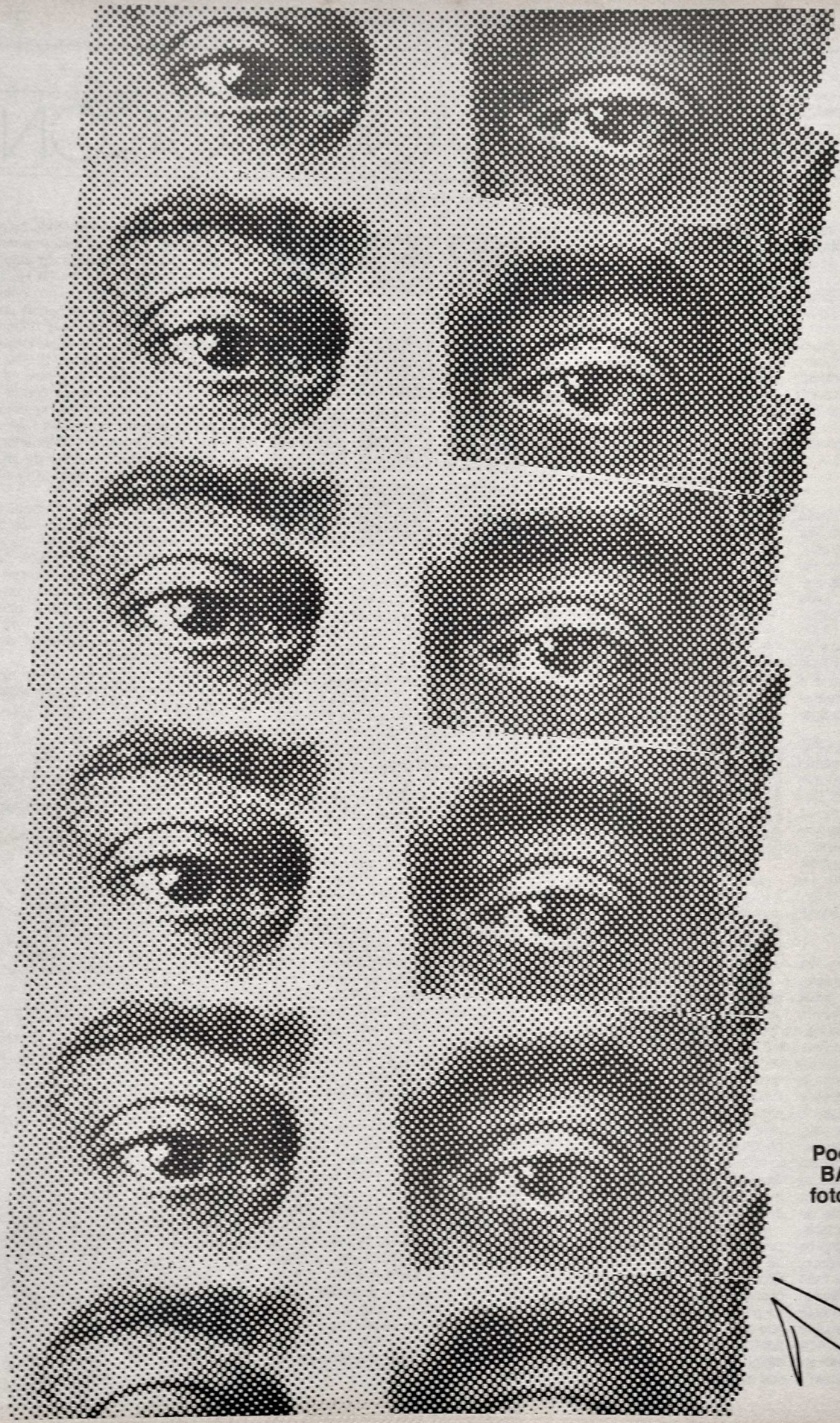
De Ferraz de Vasconcelos, em SP, o poeta Jacy Gomes de Almeida, fundador do Centro de Divulgação da Poesia — CDP, nos envia o Vol. III da sua antologia periódica de poetas "Iminências".

De Fortaleza, Ce, recebemos o livro de poemas "Nas Mãos do Mundo", de Pedro de Araújo Bezerra.

De 06 a 09 de julho deste ano, ocorrerá em Vitória, Espírito Santo, o IX Seminário Nacional da Trova, promoção do Clube dos Trovadores Capixabas. Aliás, está em circulação em seu nº 01 do Ano 10, o jornal "Beija-Flor", órgão do Clube dos Trovadores Capixabas, editado por Clério José Borges de Sant'Anna em Vitória. A 20 de janeiro, Clério tomou posse como membro titular do Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo.

Foi realizado de 27 a 29 de janeiro deste ano, em Petrópolis, RJ, o Primeiro Encontro Nacional de Trovadores.





Poema visual de NOVEN
BARROS a partir de um
fotografia do poeta JOR
FERNANDES.